



Ating

gidas

Histórias de vida de mulheres
na cidade olímpica

Realização



Instituto Políticas Alternativas
para o Cone Sul - Pacs
Rua Evaristo da Veiga, 47/702
Centro, Rio de Janeiro
CEP 20031-040
Telefone: +55 21 2210-2124
contato@pacs.org.br
www.pacs.org.br

Sandra Quintela
Coordenadora-Geral

Gabriel Strautman
Joana Emmerick
Coordenadores de projetos

Julia Bustamante
Instituto Pacs/ Comitê Popular
Rio Copa e Olimpíadas

Artigos

Sandra Quintela
Gizele Martins
Larissa Lacerda

Entrevistadas

Maria da Penha
Maria de Lourdes
Edneida Freire
Mariza do Amor Divino
Mônica Lima

ISBN: 978-85-89366-35-9



Foto: Luiz Baltar

Rita Barbosa
Suely Campos
Indianara Siqueira

Organização

Thiago Mendes

Textos dos Perfis

Iara Moura
Thiago Mendes

Fotos

Aline Furtado
Anette Alencar

Projeto Gráfico e Diagramação

Steffania Paola

Revisão

Janaína Pinto

Tradução

Karen Lang

Impressão

Corbã Gráfica e Editora

Tiragem

1.000

Apoio

DKA Áustria

Agradecimento

Equipe Instituto Pacs
Comitê Popular Rio Copa e Olimpíadas
Luiz Baltar

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComer-
cial-Compartilhual 4.0 Internacional.

Este livro pode ser utilizado, copiado, distribuído,
exibido ou reproduzido em qualquer meio ou
forma, seja mecânico, seja eletrônico, incluindo
fotocópia, desde que não tenha objetivo comer-
cial e sejam citadas as fontes, autores e autoras.

7

Apresentação

11

O legado das Olimpíadas:
dívida e uma cidade com
menos direitos

17

Mulheres na frente
da resistência aos Jogos da
Exclusão

21

A militarização,
nas favelas cariocas,
em tempos de Olimpíadas

29

Embates na oficina
de sonhos
de Maria da Penha

37

O orgulho entre
as dores de Maria dos
Camelôs

43

A corrida de Edneida Freire
entre as barreiras da
Cidade Olímpica

51

Mariza do Amor
Divino e o varal deixado à
espera de compaixão

57

O maracá de
Mônica Lima dita o ritmo das
resistências que nunca
emudecem

65

Tristezas e doçuras de Rita
entre canteiros de hortaliças
e obras

71

O céu de incertezas de Suely

77

Indianara e a militância
rebelde de quem não se
enquadra



Apresentação

Questionada sobre o porquê de encontrarmos sempre mulheres à frente da luta contra as violações de direitos, Maria da Penha, símbolo da resistência contra as remoções na Vila Autódromo, respondeu: “Uma vez minha filha falou que a mulher é a árvore da casa. Ela sustenta todos os galhos. E é verdade. E, na luta da comunidade, também você vê que tem mais mulheres à frente. Porque aquela é sua casa, é sua história, é sua vida”.

As mulheres estão e sempre estiveram na linha de frente da luta por paz e justiça em todos os territórios do sul global onde direitos e vidas estão em perigo. Não poderia ser diferente no Rio de Janeiro, cidade que se transformou em mercadoria e vitrine para a exploração dos negócios vinculados aos megaeventos.

No contexto dessas violações de direitos, o Pacs – Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul – desenvolveu, entre 2015 e 2016, um trabalho jornalístico de registrar como a Olimpíada vem afetando diretamente comunidades, trabalhadoras e trabalhadores, movimentos sociais, etc, nos

Introduction

When asked why we always find women at the forefront of the fight against rights violations, Maria da Penha, symbol of resistance against the evictions in Vila Autódromo, answered, “My daughter once said that a woman is like the tree of the house. She is the one who sustains all of the branches. And it’s true. In the community’s struggle, you see more women on the frontline because that’s their home. It’s their story. It’s their life”.

Women are, and have always been, on the frontline of the struggle for peace and justice wherever rights and lives are at risk in the Global South. It is no different in Rio de Janeiro, a city that was turned into a product to be sold and a showcase of potential business opportunities linked to the mega sporting events.

In 2015 and 2016, PACS – Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul (Institute of Alternative Policies for the Southern Cone) worked to register the impacts the Olympics were having directly on communities, workers and social movements in the lead up to the games. Since the Pan American

momentos que antecederam os

Jogos. Desde a realização do Pan Americano, em 2007, o Instituto acompanha os conflitos e as resistências decorrentes dos megaeventos na cidade e no país, integrando diversas frentes e se articulando com comunidades e redes de luta, dentre elas o Comitê Popular Rio Copa e Olimpíadas.

Games held in 2007, PACS has been monitoring the conflicts and resistance emerging from the mega events in Rio de Janeiro and the rest of the country. It has also been participating in various fronts and coordinating with communities and networks in resistance, including the Comitê Popular Rio Copa e Olimpíadas (Rio Popular Committee on the World Cup and the Olympics).

PACS is a not-for-profit organisation dedicated to promoting development based on solidarity. It turns 30 in 2016. Its work aims to foster a critical view of the development model and to debate alternatives with the communities and peoples based on their struggles. Thus, the organisation has historically believed in and invested mainly in the leadership of women.

This publication presents the stories of women who are leading popular resistance to the Olympics in Rio, accompanied by texts and photographs of each one of them. It also includes analyses from women who have been following the processes of exclusion closely, building resistance and intervening in spaces for participation.

Sandra Quintela, socio-economist and popular educator at PACS, discusses how the cycle of mega events has left a legacy of over-indebtedness and a city where people have fewer rights. Journalist specialising in community media, Gizele Martins tells her own story to describe how militarisation

O Pacs é uma organização sem fins lucrativos dedicada ao desenvolvimento solidário e que completa 30 anos em 2016. Trabalha com a crítica ao modelo de desenvolvimento, ao mesmo tempo em que debate alternativas junto às lutas de comunidades e povos. Nesse sentido, é uma organização que historicamente acredita e aposta, sobretudo, no protagonismo das mulheres.

Nesta publicação, estão reunidas as histórias de mulheres à frente das resistências populares no Rio Olímpico com textos e fotografias de cada uma delas. A publicação também reúne artigos analíticos de mulheres que vêm acompanhando de perto os processos de exclusão, construindo a resistência e incidindo sobre espaços de participação.

Sandra Quintela, socioeconomista e educadora popular do Pacs, discute como o legado do ciclo de megaeventos é o sobre-endividamento e uma cidade com menos direitos. Gizele Martis, jornalista e comunicadora popular, descreve por meio de um relato pessoal como a militarização afeta a vida de quem vive nas favelas do Rio. Larissa Lacerda, do Comitê Popular Rio Copa e Olimpíadas, mostra como o protagonismo das mulheres tem sido essencial nas lutas enfrentadas na cidade dos Jogos.

A publicação é uma travessia jornalística, de caráter essencialmente narrativo, pelas veredas de violações de direitos a partir da história de vida das mulheres. Nesse caminho, as histórias de vida de cada uma das entrevistadas, transcritas em perfis, são as protagonistas da publicação. Cada perfil jornalístico, texto específico da reportagem em profundidade, busca ser um mergulho na vida da entrevistada, uma conversa aberta da qual brota o “diálogo possível”, criador de pontes entre a experiência singular das lutas relatadas e a resistência coletiva desperta em todos e todas que se unem por justiça na “Cidade Olímpica” ou em qualquer outro lugar.

Os temas das histórias passam por remoções, restrição ao direito ao trabalho e ao esporte. O critério de escolha das entrevistadas seguiu o “calor” do momento na cobertura ao longo de 2015 e 2016. Os impactos das remoções são o tema central das conversas com Maria da Penha, Mariza do Amor Divino e Suely Campos. A repressão ao trabalho dos ambulantes nas ruas é o mote do perfil de Maria de Lourdes. Edneida Freire fala do impacto do fechamento do Célio de Barros, Mônica Lima resgata a repressão à Aldeia Maracanã, Rita Barbosa conta das obras olímpicas os impactos na agricultura urbana, e Indiana Siqueira expõe as marcas da repressão na Cidade Olímpica para as mulheres trans.

Esperamos que as histórias de vida aqui contadas e compartilhadas floresçam e se enraizem junto a outras tantas histórias de lutas protagonizadas por mulheres que estão por aí forjando dia a dia um mundo novo.

Boa leitura!

affects the lives of people living in the favelas in Rio. Larissa Lacerda, from the Comitê Popular Rio Copa e Olimpíadas, shows how women’s leadership has been essential to the struggles in the city of the games.

This publication offers a journalistic journey along the path of rights violations, narrated through the life stories of various women. The life story of each woman interviewed, transcribed into profiles, are the protagonists of this publication. Each journalistic profile seeks to delve into the life of the interviewee through open conversations in which bridges are built between each woman’s unique experience and the collective resistance of all the people who are united in the fight for justice in the “Olympic City”, or in other places.

The stories describe the evictions and the repression of the right to work and to sports. Interviewees were selected on the basis of the “hot topics” that appeared in the news coverage in 2015 and 2016. The impact of the evictions is the main theme of the interviews with Maria da Penha, Mariza do Amor Divino and Suely Campos. The repression of street vendors is the focus of Maria de Lourdes’s profile. Edneida Freire talks about the impact of the closure of the Célio de Barros stadium, whereas Mônica Lima recalls the raid on the Aldeia Maracanã indigenous village. Rita Barbosa reports on the impacts of infrastructure works undertaken in preparation for the Olympics on urban agriculture and Indiana Siqueira exposes the marks repression in the Olympic City has left on trans women.

We hope that the life stories shared here flourish and take root alongside the numerous stories of other struggles led by women who are forging a new world in their daily lives.

Enjoy!



O legado das Olimpíadas: dívida e uma cidade com menos direitos

TEXTO: SANDRA QUINTELA

O Rio de Janeiro está prestes a completar um ciclo de dez anos de megaventos, inaugurado em 2007 com a realização dos Jogos Pan-Americanos. Assim, as Olimpíadas fecham, em 2016, uma etapa da história dessa cidade, que é marca registrada do Brasil. Durante todo esse período, nós, do Instituto PACS, acompanhamos as transformações na cidade, que foi se moldando em um lugar produzido para ser vendido – e não para ser vivido por suas moradoras e moradores.

Quem mora no Rio não suporta mais enfrentar a violência das remoções, a truculência da repressão ao trabalho informal, a ofensiva militar no cotidiano das favelas, o gasto olímpico em obras que são para poucos. Ninguém aguenta mais pagar a tarifa mais cara de transporte do País e viajar em trens, barcas, vans e ônibus lotados. Ninguém aguenta mais ouvir falar em crise na saúde e saber que o governo estadual deixou de arrecadar R\$138 bilhões entre 2008 e 2013,

The Olympic legacy: debt and a city with fewer rights • Sandra Quintela

A ten-year cycle of mega events is about to end in Rio de Janeiro. Inaugurated by the Pan American Games in 2007, the 2016 Olympics will bring this cycle to a close in the city that is the trademark of Brazil. Throughout this period, Instituto PACS has been monitoring the changes taking place in the city, which have been turning it into a product to be sold, instead of a place for its inhabitants to live.

People living in Rio have had enough of the violence of the evictions, the savage repression of informal workers, the military attacks on daily life in the favelas and the Olympic amounts of funds spent on works that will benefit the few. They can no longer stand to pay the highest public transportation fare in the country and ride in jam-packed trains, ferries, vans and buses. Nor can

mediante renúncias e isenções fiscais oferecidas a empresas, conforme mostra o relatório do Tribunal de Contas do Estado.

Ninguém pode aceitar um decreto de calamidade pública, publi-

cado em junho deste ano, quando a verdadeira catástrofe vem dos próprios governos, que optaram em aprofundar um modelo de cidade voltado para fora e para os de cima. Vivemos a construção de espaços do território urbano por rolos compressores que arrasam a história, a memória e as raízes dessa cidade quatrocentona que tantas alegrias e vida permitiram na história da cultura e da política brasileira desde a população “de baixo”.

they bear to hear anymore about the health care crisis, knowing that between 2008 and 2013, the state government did not collect R\$138 billion in revenue because of the tax waivers and exemptions it granted companies, as the report from the state Court of Accounts shows.

No one accepts the state of public calamity declared in June of this year, when it was the governments themselves that created the real catastrophe by continuing to pursue a city model designed to benefit those abroad and those on top. We watch as spaces in the urban territory are being built by steamrollers that plough over the history, memory and roots of this four-hundred-year old city, to which the history of Brazilian culture and politics “from below” contributed a lot of joy and life.

In 2005, we watched as Rio was chosen as the host of the Pan American Games, with an estimated cost of close to R\$1 billion at the time. Once the games were over, the final cost came to R\$3.7 billion due to overbilling on infrastructure works. The velodrome built for the competition was later dismantled, as it was considered inadequate for the Olympics. The cost of taking it down was higher than that of building it. Legacy for whom?

A total of R\$25.5 billion was spent on the World Cup in Brazil. This time, the legacy of public investment handed over to the private sector was expensive tickets that exclude the working class from the stadiums. Now, parties are held in these gourmet, soulless arenas for an elite group of consumers - the overwhelming majority of which is white - who took the place of the regular fans. These “Fifa standard” stadiums in the Northeast, North and Mid-west regions are now “white elephants” that have to host the games of the big teams from the South and Southeast to stay afloat. With regards to the Olympics, the budget - whose total is still not in - is a Pandora’s box. as there is

Em 2005, assistimos à escolha do Rio como sede dos Jogos Pan-Americanos, com custo estimado em cerca de R\$ 1 bilhão à época. Terminados os Jogos, o gasto final foi de R\$3,7 bi, em razão de obras superfaturadas. O velódromo construído para a competição foi desmontado, por ser considerado inadequado para a Olimpíada. O desmonte teve custo mais alto do que sua montagem. Legado para quem?

Na Copa do Mundo, foram gastos R\$25,5 bilhões em todo o Brasil, e o legado do investimento público entregue à iniciativa privada são ingressos caros que excluem a classe trabalhadora dos estádios, numa festa de torcida elitizada em arenas gourmet, sem alma, e vazias de torcedores – mas repletas de consumidores, em esmagadora maioria brancos. Muitos desses estádios “padrão Fifa” nas regiões Nordeste, Norte e Centro-Oeste agora são “elefan-

tes-brancos” que precisam receber jogos de grandes times do Sul e Sudeste para se manter. Já o orçamento total das Olimpíadas, ainda não fechado, é uma caixa de pandora, pois existe pouca transparência em torno dos R\$39,08 bilhões projetados na atualização mais recente da Matriz de Responsabilidade. Isso sem mencionar a falácia dos gastos privados nos

Jogos, amplamente repetida pelo prefeito Eduardo Paes, mas que não se sustenta diante dos estudos que o Instituto PACS e outras organizações, jornalistas e pessoas comprometidas vêm realizando. Será que foi muito diferente em Atenas? A crise grega não se vincula às Olimpíadas de 2004?

Como se vê, o impacto financeiro é tremendo, uma conta que todas e todos nós estamos pagando. Esperava-se que durante o período da Copa do Mundo o volume de turistas contribuisse para o incremento da economia nacional, porém isso não aconteceu. Várias das análises econômicas otimistas que se faziam antes desse evento foram, logo em seguida, desconstruídas por balanços realizados por jornais de grande circulação e por economistas apontando que o retorno econômico de tamanho investimento não se deu:

Passado o evento, porém, consultorias econômicas, como a *Tendências* e a *Capital Economics*, fizeram seus cálculos e concluíram que o seu efeito geral sobre o PIB foi nulo ou insignificante. Mas poucas esperavam um impacto negativo.

A divulgação dos resultados para o PIB confirmou que, como os analistas esperavam, o Brasil entrou em ‘recessão técnica’ no primeiro semestre de 2014 — situação caracterizada por dois trimestres seguidos de crescimento negativo.¹

Isso se traduz em um processo ao mesmo tempo cruel e sutil, que é a construção desses megaestádios com obras de infraestrutura associadas — como autopistas, pontes e viadutos de acesso a esses espaços. Algumas dessas obras já nasceram despencando — e matando inocentes — como o viaduto de Belo Horizonte e a ciclovia do Rio de Janeiro. Essas transformações urbanas geraram uma

little transparency on the estimated R\$39.08 billion reported in the most recent update of the Responsibility Matrix. That is not to mention the fallacy on private spending on the games that Mayor Eduardo Paes has defended on several occasions, which has proven as such by the studies carried out by Instituto PACS and other organisations, journalists and activists. Was the situation really that different in Athens? Is there no connection between the Greek crisis and the 2004 Olympics?

As we can see, the financial impacts are humungous and we are all footing the bill. During the World Cup, the volume of tourists was expected to contribute to the growth of the national economy, but that did not happen. Several of the optimistic economic forecasts released prior to the event were proven wrong shortly after it by major newspapers and economists pointing out that the major investments did not generate the expected returns:

Once the event was over, however, economic consultant firms, such as *Tendências* and *Capital Economics*, did the calculations and concluded that its general impact on GDP was null or insignificant. But few were expecting a negative outcome.

The dissemination of the effects on GDP confirmed that, as analysts had predicted, Brazil went into a ‘technical recession’ in the first half of 2014, which is characterised by two consecutive trimesters of negative growth.¹

The games set off a cruel and subtle process: the one involving the construction of these mega-stadiums and the infrastructure works that provide access to them, such as freeways, bridges and overpasses. Some of these works collapsed at birth, killing innocent people, such as the overpass in Belo Horizonte and the bicycle path in Rio de Janeiro. The process

1 COSTAS, Ruth. BBC Brasil. Afinal, foi a Copa que derrubou a economia? São Paulo, 29/08/2014. Disponível em: <http://bbc.in/2a7K21t>.

grande especulação imobiliária nas cidades-sedes da Copa e a remoção de expressivos contingentes populacionais. Foram mais de 750 mil pessoas deslocadas de suas áreas de moradia em função das obras para o evento².

also fuelled real-estate speculation in cities hosting the World Cup and led to the eviction of large numbers of people. More than 750,000 people were expelled from the areas surrounding the works being executed for the event².

The financial impact of the World Cup is reflected in the increase in municipal and state debt. Only 1.4% of costs were covered by the private sector; the remaining 98.6% was paid for with public funds. The source of funding continues to be the state via the taxes and contributions that we all pay. And when there is no money, the solution is to create new debt.

In the case of the Olympics, the city of Rio de Janeiro quadrupled its budget, not only through tax collection, but also by constantly increasing its debt. Now that the funds to execute the works are coming in, the construction industry and other sectors have begun to grow. However, we are not yet able to measure the medium and long-term impacts of this on public finances. While the political economy of mega events generates costs at the speed of a 100-metre sprinter, the consequences of debt accumulation are more like a marathon for the future.

A circular and perverse logic

In addition to the turnaround in budget priorities, mega events are excellent excuses for carrying out the elites' plans to commodify all aspects of urban life. The promotion of these events deepens and accelerates the process of reorganising the city with the goal of establishing a "market-city" - that is, a product to sell, and not a place to exercise the right to the city and citizenship. It also serves as an excuse to legitimise the urban model based on a pattern of development that benefits speculators in the real-estate industry and the wealthy classes that harbour the desire to be separated (and protected) from the

O impacto financeiro da Copa se reflete no processo de endividamento dos municípios e dos estados, pois apenas 1,4% dos gastos partiu da iniciativa privada, os 98,6% restantes foram pagos com dinheiro público. A fonte continua sendo o Estado, através dos impostos e tributos que todos nós pagamos. E, quando não há dinheiro, a saída é a criação de novas dívidas.

No caso das Olimpíadas, a cidade do Rio de Janeiro quadruplicou seu orçamento nesse último período, não só a partir da arrecadação de impostos, mas por um processo de endividamento contínuo do município. Agora que os recursos estão chegando para a realização das obras, há um incremento da construção civil e de outras áreas, mas o impacto que isso já está gerando nas contas públicas em médio e longo prazos ainda não temos condições de mensurar. A economia política dos megaventos executa seus gastos no ritmo de um velocista campeão de 100 metros rasos, mas as consequências para o endividamento são como uma maratona para o futuro.

Uma lógica circular e perversa

Além da inversão orçamentária, os megaventos são ótimas desculpas para levar a cabo os planos das elites de mercantilizar todos os poros da vida urbana. A promoção desses eventos aprofunda e acelera uma reorganização da cidade que busca garantir a "cidade-mercadoria" – um produto que se deseja vender, e não um lugar onde se realiza a cidade/cidadania. São desculpas que legitimam o modelo urbano centrado exatamente em um padrão de desenvolvimento que beneficia a especulação imo-

biária e as classes abonadas, com seu desejo de se verem separadas (e

² Os dados sobre violações dos Direitos Humanos foram compilados pelos Comitês Populares da Copa e das Olimpíadas. Leia mais em: <http://rio.portalpopulardacopa.org.br/>

protegidas) das “classes perigosas”, mediante a segregação espacial e a privatização da vida no espaço público.

Torna-se fundamental, nesse sentido, um engajamento cada vez maior na luta pelo direito à cidade, na auditoria da dívida pública gerada. Sem isso, a cidade vai se tornando espaço apenas para grupos mais privilegiados. Hoje, por exemplo, uma pessoa da Zona Oeste do Rio precisa pegar, pelo menos, três ônibus para ir à praia na Zona Sul. Isso é um exemplo nítido da lógica centro-periferia sendo reforçada nas cidades brasileiras. Trata-se de um processo que vem se aprofundando, e o Rio de Janeiro, em particular, aparece como uma síntese disso tudo, pois aqui as coisas se deram em escala bem maior, de tamanho olímpico.

A conclusão a que se pode chegar é a mesma: a reorganização das metrópoles a partir desses megaeventos esportivos tem objetivos nítidos: privilegiar a especulação imobiliária e a privatização da cidade em todas as dimensões. Assim, as crescentes transferências de recursos públicos para a iniciativa privada via dívida pública se expressam por meio de um processo brutal de exclusão e expropriação de direitos.

Isso ao mesmo tempo em que áreas como saúde, educação e demais direitos sociais agonizam. De 2007 a 2016, praticamente triplicou o volume de recursos destinados ao orçamento público em Segurança no Rio, de R\$ 2,5 bilhões para R\$7 bilhões. Se analisarmos hoje o peso da segurança pública no orçamento do governo do Estado do Rio de Janeiro, veremos que representa cerca de 15% do total, frente a 10% para educação e 8% para saúde. Em 2007, o investimento em educação tinha uma fatia de 15% do orçamento estadual e hoje perdeu 5% desse valor.

Essa inversão de prioridades dá margem ao processo de militarização intenso, que mata principalmente jovens, negros e moradores

“dangerous classes” through spatial segregation and the privatisation of public spaces.

Therefore, greater commitment to the fight for the right to the city and to have this debt audited is fundamental. Without it, the city will increasingly become a space only for the rich. Today, for example, someone from the west side of Rio has to take at least three buses to get to the beaches on the south side. This is a clear example of the centre-periphery logic being strengthened in Brazilian cities. This process has been intensifying and Rio de Janeiro, in particular, appears to be a synthesis of all of this, as here, everything happened on a much larger - and even Olympic-sized - scale.

The conclusion we come to here is one and the same: the objectives of the reorganisation of metropolises around these mega sporting events are clearly to foster real-estate speculation and the privatisation of all dimensions of the city. The growing amount of public resources being transferred to the private sector via public debt is resulting in a brutal process of exclusion and the expropriation of rights.

At the same time, areas such as health, education and other social rights are left struggling in agony. From 2007 to 2016, the amount of public resources allocated to security in Rio practically tripled: from R\$2.5 billion to R\$7 billion. If we analyse public security's share of the budget of the state of Rio de Janeiro today, we find that it represents close to 15% of the total, ahead of 10% for education and 8% for health. In 2007, 15% of the state's budget was invested in education; today, it is 5% lower.

This reversal of priorities opens the door to a process of intense militarisation, which kills mainly youths, black people and people living in the favelas. A recent report of Amnesty International showed that 2,500 people were killed between 2009, the year Rio was chosen to host the

de favelas. Relatório recente da Anistia Internacional mostrou que 2,5 mil pessoas foram mortas entre 2009, ano em que o Rio foi escolhida como cidade-sede das Olimpíadas, e 2016³.

Olympics, and 2016. 3

The way of thinking behind the preparation of these events needs to be revisited. Instead of generating pain and excessive costs for citizens, mega sporting events should adapt to the city, and not vice versa. What one sees, however, is the logic of public administration and the public interest being subjugated to satisfy the interests of the International Olympic Committee (IOC) and the Federation Internationale de Football Association (FIFA), private organisations funded by international mega-corporations.

The Olympic Charter talks about values such as “friendship”, “respect” and “solidarity”. That is not what we have seen around here. Rio missed the opportunity to implement concrete and transparent processes for social change, which would, in fact, be a proper legacy for a festive event. The project of building a city for the people, based on social justice and real democracy, is being replaced by one that puts profit and private interests before the ethical values forgotten over the past decade.

Even so, being the good four-hundred-year old that it is, Rio de Janeiro will know how to resist and reinvent itself. The birthplace of samba and Bossa nova will find a way to turn the end of this cycle into the beginning of a new one - one that puts the search for a full life first. One with life in the streets, life in the communities. With everyone enjoying the beaches and justice and radical democracy in the favelas and on the pavement. Life must prevail.

É preciso rever o modo de pensar a preparação desses eventos. Em vez de gerar dor e gastos excessivos para cidadãos e cidadãs, os megaeventos esportivos deveriam se adequar à cidade, e não a cidade ter de se adequar a eles. O que se vê é a subversão das lógicas da administração pública e do interesse público para atender aos interesses do Comitê Olímpico Internacional (COI) e da Federação Internacional de Associações de Futebol (FIFA) – organizações privadas, financiadas por megaempresas internacionais.

A Carta Olímpica fala de valores como “amizade”, “respeito” e “solidariedade”. Não foi o que se viu por aqui. O Rio perdeu a oportunidade de pôr em prática processos concretos e transparentes de mudança social, o que seria, de fato, um legado para um evento festivo. O projeto de uma cidade para as pessoas, com justiça social e democracia real, está sendo trocado por um outro, que coloca o lucro e os interesses privados acima de valores éticos esquecidos na última década.

No entanto, como boa quatrocentona que é, a cidade do Rio de Janeiro saberá resistir e se reinventar. O berço do samba, da bossa, da ginga e da boa maladragem saberá fazer do fim desse ciclo o começo de outro, que colocará no centro a vida plena. A vida na rua. A vida nas comunidades. Nas praias frequentadas por todas e todos. No morro e no asfalto, a justiça, a democracia radical. A vida há de se impor.



Sandra Quintela é
socioeconomista e coordenadora-geral
do Instituto Pacs

3 “A violência não faz parte desse jogo! Risco de violações de direitos humanos nas Olimpíadas Rio 2016.” Disponível em: <<https://anistia.org.br/direitos-humanos/publicacoes/violencia-nao-faz-parte-desse-jogo/>>.

Mulheres na frente da resistência aos Jogos da Exclusão

TEXTO: LARISSA LACERDA

O Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro tem sua história atrelada aos movimentos de resistência espalhados pelo território da cidade, reflexo de seu próprio objetivo de denunciar – e combater! – as violações de direitos humanos cometidas sob a justificativa dos megaeventos esportivos.

O processo, ainda em curso, de construção da “cidade olímpica” foi amplamente apoiado e justificado por essa agenda de grandes eventos internacionais que passou a ditar o desenvolvimento urbano da cidade. Ao longo dele, muitos foram os territórios e as populações violadas: as milhares de famílias que perderam suas casas¹, os jovens negros assassinados pelo Estado², atletas despejadas/os de seu local de treinamento, trabalhadoras/es camelôs e prostitutas perseguidas/os nas ruas da cidade³. A “cidade olímpica” é construída por meio da privatização da política e do ‘público’, em um movimento de aprofundamento dos processos de segregação e higienização social dos

Women in the forefront of resistance to the Games of Exclusion • Larissa Lacerda

The history of the Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro Popular Committee on the World Cup and the Olympics) is tied to resistance movements spread all over the city's territory. This is a reflection of its objective of denouncing - and fighting! - human rights violations being committed and justified by the mega sporting events.

The process of building the “Olympic city” currently underway is largely supported and justified by the agenda of large-scale international events that began to dictate the priorities of urban development in the city. Throughout this process, many territories and

territórios mais valorizados ou de interesse do capital imobiliário em expansão. Como resultado, temos uma cidade ainda mais elitizada e segregada, que expulsa sua população pobre para as periferias menos

infraestruturadas e assassina sua juventude negra, ao mesmo tempo em que suprime, cada vez mais, espaços de participação e cerceia o direito à informação pública.

people have been abused: from the thousands of families who lost their homes and black youths assassinated by the state, to the athletes evicted from the places where they trained and the street vendors and prostitutes persecuted on the street. To build the “Olympic city”, politics and all that is ‘public’ are being privatised in a move to deepen the processes of segregation and social cleansing in the territories with the highest market value or that are of greatest interest to real estate capital for its expansion. As a result, we have a city that is even more segregated and geared towards the elite, that expels the poor to the outskirts where there is less infrastructure and that assassinates black youths. At the same time, spaces for participation are being eliminated, while the right to public information is becoming increasingly restricted.

Yet, in the aftermath of these violations, many resistance movements are emerging, which are also having an impact on this process. One aspect in common is the fact that they are led by women. All over the city of Rio, women are on the frontline of resistance and demanding their right to housing, life, sports, culture, work - in other words, their right to the city. Along the way, we are learning and creating another way of doing politics - one that takes into account the story of each individual whose rights and life have been violated and whose emotional and community ties have been ignored. We are thus learning the politics of emotions.

In a patriarchal society, affection and empathy are considered typical of the way women act and think so women can be treated as inferior and discredited in the “rational world of

Contudo, na esteira dessas violações, surgiram muitos dos movimentos de resistência que também têm impactado esse processo – em comum na resistência, está o protagonismo das mulheres. Por toda a cidade carioca, são as mulheres que estão na linha de frente da resistência, reivindicando seu direito à moradia, à vida, ao esporte, à cultura, ao trabalho, ou seja, seu direito à cidade. Nesse caminho, fomos levadas/os a aprender e criar outra forma de fazer política, que leva em conta a história de cada pessoa que tem seu direito e sua vida violados, seus laços afetivos e comunitários ignorados – aprendemos, enfim, a política dos afetos.

Em uma sociedade fundada sob o patriarcado, o afeto e a empatia são apontados como característicos do modo de agir e pensar da mulher, de maneira a nos inferiorizar e nos deslegitimar no “mundo racional da política”, no qual não haveria espaço para “sentimentalismos”. Mas, afinal, qual política se faz sem empatia? A política tradicional, composta por homens – em sua maioria, brancos e cis-heteronormativos – não nos representa! Na resistência ao projeto político de cidade implementado por essa ultrapassada política, foi preciso – e é preciso – reinventar as formas

de mobilização e linguagens, resistindo, mas também apontando para a criação de um novo projeto de cidade.

A história de luta e resistência da Vila Autódromo é apenas um dos exemplos de uma outra forma de fazer política. Ali, moradores/as e uma enorme rede de apoiadoras/es se uniram na construção de um pla-

no popular de urbanização em um processo coletivo e horizontal, no qual o saber técnico se misturou aos saberes locais, criando um instrumento fundamental na luta pela permanência, que se contrapõe ao plano de remoção da prefeitura na forma e na linguagem. A resistência da Vila Autódromo também se pautou na ocupação cultural do território, com eventos musicais, teatrais, exibição de filmes e rodas de conversa que, de fundo, tinham o objetivo de fortalecer ainda mais os laços dessa grande rede de apoio. Foi assim que a “pequena” Vila Autódromo conseguiu vencer a máquina municipal de destruição – mesmo que o caminho tenha ficado marcado pela violência e arbitrariedade imposta por essa velha forma de fazer política, que ainda permanece na gestão da cidade.

Nessa longa caminhada de resistência aos Jogos da Exclusão, importantes vitórias foram alcançadas, mas a maior delas talvez seja a formação política de muitas/os que se envolveram nessas batalhas territoriais que se espalharam pela cidade, que viram mulheres tomando a fala, organizando atos, pautando audiências públicas e outros espaços tradicionalmente ocupados por homens. Por todo lado, as mulheres estão assumindo o protagonismo na construção de outra cidade, e é essa nossa aposta para o cenário carioca ao fim desse ciclo de megaeventos esportivos, que, com certeza, vai depender muito desses movimentos para enfrentar e reverter o legado de destruição deixado pelos Jogos da Exclusão.

politics” where there is no room for “sentimentalism”. Yet, in the end, what kind of politics is void of all empathy? The traditional way of doing politics of men - of which the majority are white, cisgender and heteronormative - does not represent us! To resist the political vision of this outdated form of politics, we had to - and still have to - reinvent our way of mobilising and the language used, while seeking, at the same time, to elaborate a new ideal for the city.

The history of resistance in Vila Autódromo is only one example of an alternative way of doing politics. There, residents and an enormous network of supporters came together to elaborate a popular urban development plan through a collective and horizontal process. In this process, technical know-how was combined with local knowledge to create a tool that is fundamental for the struggle for the right to remain in the area and challenges the municipality’s plans for eviction both in form and language. Resistance in Vila Autódromo included the cultural occupation of the territory through music events, theatre, film exhibits and debates. The goal was essentially to strengthen the ties in the large network of supporters even further. This is how “little” Vila Autódromo was able to defeat the municipal machine of destruction, even if the road to victory was marked by the violence and arbitrariness of the old way of engaging in politics that is still present in the city administration.

On this long road of resistance to the Games of Exclusion, important advances have been made. The biggest one is perhaps the political training that all the people who got involved in the territorial battles spread around the city received, as they saw women speaking out, or-

ganising actions, pressuring for public hearings to be held and intervening in other spaces traditionally occupied by men. What is more, women are leading efforts to build a different kind of city. At the end of this cycle of mega sporting events, this

is where we are investing our energy in Rio de Janeiro, which will undoubtedly depend on these movements to address and reverse the legacy of destruction left by the Games of Exclusion.



Larissa Lacerda *integra o*
Comitê Popular Rio Copa e Olimpíadas

1 Segundo dados da Secretaria Municipal de Habitação de julho de 2015, já foram mais de 22 mil famílias removidas. Disponível em: <https://medium.com/explicando-a-pol%C3%ADtica-de-habitação-da-prefeitura/pol%C3%ADtica-habitacional-do-rio-suas-diretrizes-e-números-macros-ce687846392#.47h5v23ls>.

2 Segundo dados da Anistia Internacional, desde que o Rio de Janeiro foi escolhido para sediar os Jogos Olímpicos de 2016, mais de 2500 jovens foram assassinados pela polícia. Mais informações em: <https://anistia.org.br/rio-desperdicou-chance-de-usar-jogos-para-criar-novo-pacto-social/>.

3 Para mais informações sobre as violações de direitos humanos cometidas na preparação da cidade para receber os Jogos Olímpicos de 2016: <https://comitepopulario.files.wordpress.com/2016/03/dossiecomiterio2015.pdf>.

A militarização, nas favelas cariocas, em tempos de Olimpíadas

TEXTO: GIZELE MARTINS

Sou Gizele Martins, 30 anos, moradora do Conjunto de Favelas da Maré, localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro. Tenho familiares por quase todas as 16 favelas da Maré. Fui criada por minha vó, paraibana, diarista e empregada doméstica. Hoje tenho mais de 10 irmãos e irmãs, metade deles estão no Rio e a outra metade na Paraíba.

Minha mãe faleceu de câncer quando completei 14 anos, deixando outros quatro filhos e filhas, todos na época menores de idade, eu a mais velha. Foi uma realidade difícil sem ela, mas tudo o que passamos se resume em solidariedade e amor por nossa favela, que muito pão nos ofereceu quando a gente mais precisou. O meu pai, paraibano, nunca tive a chance de conhecer. Tenho um padrasto na Maré, pai dos meus irmãos daqui, ele é pescador, um homem que nunca teve a chance de estudar, aprender a escrever o próprio nome.

The militarisation of favelas in Rio de Janeiro during the Olympics • Gizele Martins

My name is Gizele Martins. I am thirty years old and I live in the Maré Complex located in the north end of Rio de Janeiro. I have relatives in nearly all 16 favelas in the Maré Complex. I was raised by my grandmother, from Paraíba, who was a day labourer and domestic worker. Today, I have more than 10 brothers and sisters. Half of them are in Rio and the other half, in Paraíba.

My mother died from cancer when I turned 14, leaving four sons and daughters. All were minors at the time. I was the oldest. Life was hard without her, but everything we went through can be summed up in solidarity and love for our favela, which offered us a lot of bread when we most needed it. I never had the chance to meet my father, from Paraíba. I have a stepfather in Maré. He is the father of my two brothers here. He's a fisherman - a man who never had the

A realidade me mandou não sonhar, mas eu sonhava com uma faculdade. Fiquei quatro anos no pré-vestibular da Maré e cursei jornalismo na Puc Rio. Sou formada há 5 anos e atuo há 15 como comunicadora comunitária das 16 favelas que formam a Maré. Participei durante mais de 10 anos do Jornal O Cidadão, comunitário que circula

opportunity to study or to learn to write his own name.

Reality told me not to dream, but I dreamed of going to university. I spent four years preparing for the entrance exam in Maré and I studied journalism at the Catholic university, PUC-Rio. I graduated five years ago and I have been working in community media for the 16 favelas that make up the Maré complex for 15 years. For over ten years, I contributed to

O Cidadão, the community newspaper that has been distributed in the Maré favelas for 17 years. Its editorial line focuses on the defence of rights and the identity of the people from the favelas. Since 2007, I have been participating in the Revista Viração team as well, which is an edu-communications tool distributed all over the country.

I have been to nearly all of the Brazilian states because of the struggle to defend the identity of the favelas and community media. I have travelled abroad twice, also because of this struggle. This struggle is also against the militarisation of life in the favelas, but it is much more focused on our desire to live and to ensure that there are no more attempts to exterminate the poor, black people of the favelas. Our struggle can be summed up as power and daily resistance!

The impacts of militarisation

I have lived in the Maré Complex since I was born. For most of my life, I lived in one of the favelas located on the edge of the complex. It is a place that many people do not go to. It is feared because of the militarisation of

há 17 anos nas favelas da Maré. A sua linha editorial é voltada para a garantia de direitos e para a defesa da identidade favelada. Desde 2007, também participo da Revista Viração, meio de educomunicação que circula em todo o país.

Hoje, conheço quase todos os estados brasileiros por causa da luta pela defesa da identidade favelada e da comunicação comunitária. Viajei duas vezes para fora do país, também por causa dessa luta, que também se volta à não militarização da vida favelada, mas que se volta muito mais ao nosso desejo de viver, de que não exista mais o extermínio da população pobre, negra e favelada. Com isto, nós nos resumimos em força e resistência diária!

Os impactos da militarização

Desde que nasci, moro no Conjunto de Favelas da Maré. Durante a maior parte da minha vida, morei em uma das favelas que fica localizada na 'divisa' da Maré. É um lugar em que muitos não circulam, temido porque a militarização da vida se faz presente ali.

Minha infância foi marcada por esse lugar: brincadeira na rua, festas juninas e julinas, som alto do salão de forró que ficava ao lado da minha casa, festas de vizinhos, os famosos mutirões na rua para levantar a laje do vizinho, a casa de doces, as igrejas, a feira. Tanta coisa boa. É essa a vida favelada, a que deveria ser

sempre. Mas, com o passar dos anos, o número de invasões causadas pela polícia e de conflitos inventados pelo governo – na ideia de 'combate ao tráfico de drogas' – começou a atrapalhar essa realidade tão viva da minha infância. Minha adolescência e juventude foram marcadas pela violência do Estado na minha porta. Eram casas invadidas por

policiais, corridas constantes do caveirão e, ainda, ouvir do alto som do caveirão: “Sai da rua, vagabunda”; “Sai da rua, morador. Eu vim roubar a sua alma”. Posso dizer que esse foi um dos meus primeiros contatos com a militarização da vida.

A militarização tomou conta daquilo e destruiu tudo o que nós favelados estávamos construindo naquele chão, naquele espaço de tantos mutirões e solidariedade.

Mas, para além da violência diária causada pelos governantes, com o passar dos anos, as coisas começaram a piorar na Maré, e também em outras favelas, por causa da chegada dos megaeventos no país.

A militarização da Maré em tempos de megaeventos

Lembro que, durante os jogos Pan-Americanos realizados em 2007, para além das ameaças de remoções, nossa favela, mais uma vez, sofreu com a militarização, por causa dos grandes eventos esportivos. Isso não foi – e não é – por acaso, já que a Maré está próxima a vias expressas: Avenida Brasil, Linha Vermelha e Linha Amarela. Estamos bem próximos também ao Aeroporto Internacional do Galeão.

Nesta época, era difícil a circulação pela favela ou para fora dela, já que era grande o número de policiais e de contingente da Força Nacional pelas entradas da favela. Assim como no Pan em 2007, no ano de 2013, durante a Copa das Confederações, tivemos a favela cercada mais uma vez pela Força Nacional e, enquanto tinha um mundo se divertindo e gritando “gol”, nós mareenses sofremos uma chacina.

Foram 13 pessoas assassinadas pela Força Nacional e o Bope no dia 24 de junho daquele ano. Eles invadiram a favela quando moradores tentaram protestar, na Avenida Brasil, contra o aumento das passagens, a criminalização da favela e outros temas que estavam na ‘moda’ naquele momento de grandes protestos pelo país. Mas, é bom sempre lembrar: a ‘bala na favela não é de borracha, é fuzil’. Fomos nós, faveladas e favelados da Maré, com a nossa força e vontade de viver, naquele dia,

life is very present there.

That place marked my childhood: playing on the street, “festas juninas and julinas”¹, loud forró music from the bar next to our house, the neighbours’ parties, the famous working bees to put a new layer of concrete on the neighbour’s house, the house that sells sweets, the church, the market...many good things. That is what life in the favela is like and how it should always be. But, as the years passed, the number of police raids and conflicts invented by the government as part of the so-called ‘fight against drug trafficking’ began to disrupt the very vivid reality of my childhood. My adolescence and youth were marked by state violence at my doorstep.

There were homes being raided by the police and the frequent rounds of the “caveirão”², with loud sound coming from the armoured cars, as they yelled, “Get off the street, whore” or “Get off the street. I came to steal your soul”. I can say that this was one of my first contacts with the militarisation of life. Militarisation took over and destroyed everything that we, the people of the favelas, were building on that ground, in that space, through many working bees and out of solidarity.

But, in addition to this daily violence caused by those in government, things began to get worse in Maré and in other favelas with the arrival of the mega events in the country.

que expulsamos o caveirão que estava matando os nossos, o que deu fim, naquele momento, à chacina.

The militarisation of Maré during the mega events

I remember that during the 2007 Pan American games, in addition to the threats of eviction, our favela was militarised once again because of the big sporting events. This was and is still no coincidence, as Maré is close to the Avenida Brasil, Linha Vermelha and Linha Amarela expressways. We are also very close to the Galeão International Airport.

At the time, it was difficult to get around the favela and to enter and leave due to the large number of officers from the police and the National Force at the favela's entrances. Similar to the Pan American Games in 2007, during the 2013 Confederations Cup, our favela was surrounded by the National Force. While the world was having fun and yelling "goal", we, the people of Maré, were being slaughtered.

13 people were assassinated by the National Forces and the Bope (the elite squad of the military police) on June 24th of that year. They invaded the favela when residents were attempting to protest on Avenida Brasil against the hikes in bus fares, the criminalisation of the favela and other issues that were popular in the major protests being held all over the country at the time. But it is always good to remember that the "bullet in the favela is not made of rubber; it is from a rifle". But that day, we, the women and men of the Maré favela, with our strength and will to live, were the ones who expelled the "caveirão" that was killing our people, which put an end to the massacre at that time.

The World Cup in Maré

It was no different in 2014. On the contrary, the situation only got worse in the lead up to the

Copa do Mundo na Maré

Em 2014, não foi diferente. Pelo contrário, a realidade só passou a piorar com a chegada da Copa do Mundo. No final de 2013, recebemos a notícia, por meio dos telejornais, que teríamos em toda a Maré a invasão das forças de pacificação, o Exército.

O Exército ficou na Maré durante um ano e cinco meses; foi gasto 1,7 milhão por dia para a permanência dos soldados. Tanques e mais tanques de guerra circulavam livremente, a qualquer hora do dia e da noite, pelas nossas ruas. Éramos nós os alvos, os inimigos, os perigosos, os que poderiam ameaçar aquele grande evento, tudo isto só por sermos favelados. Apenas por isso.

Nosso asfalto, paralelepípedo construído pelas mãos mareenses, não aguentava o peso dos tanques passando pelas ruas. As escolas começaram a receber a revista "O Recrutinha", feita pelo Exército. Nela tinha tanque de guerra para a criançada mareense recortar e brincar. As escolas não funcionaram durante esse período, por causa das constantes trocas de tiros.

As casas removidas e cercadas por tanques de guerra foram uma constante, nesse período, na favela Salsa e Merengue. Aproximadamente 30 famílias ficaram sem suas casas, sem seus pertences, porque os soldados proibiram os moradores de buscar documentos, móveis, tudo o que construíram durante a vida. Eles

não receberam nada em troca até hoje.

Havia ainda a proibição de circular pelas ruas, toque de recolher, prisões, mototaxistas impedidos de trabalhar. Até para ser feita uma festa na rua era preciso a autorização do Exército. Algo que sempre foi de costume da comunidade favelada, o churrasco na rua, a convivência

na rua, o nosso lazer de costume, passou a ser proibido. Encontros de funk, forró, rock, também foram proibidos.

As violações às mulheres com revistas vexatórias também eram constantes, abusos machistas. Até de acusações de estupro, nós ficávamos sabendo. Moradores e mais moradores assassinados; alguns outros estão hoje sem braço, sem perna. Foi um verdadeiro abuso diário e extermínio autorizado pelo governo em troca de um jogo, em troca de uma Copa que nunca nos representou em nada.

A militarização, nas favelas cariocas, em tempos de Olimpíadas

As Olimpíadas estão chegando, pode parecer só um evento esportivo para quem não é favelado, mas, para nós, significa terror, medo, mortes, caveirão, tanques, ameaças, silêncio, censura da comunicação comunitária, militarização da vida. Temos no Rio de Janeiro atualmente mais de 50 favelas invadidas pela Unidade de Polícia Pacificadora, as UPPs, política implementada pelo governo e pela Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro para matar pobre. Essa tal polícia chamada de cidadã tem nos matados todos os dias para levar paz aos que moram em bairros próximos a favelas e aos turistas.

As favelas que foram escolhidas para ter a presença de policiais da UPP estão localizadas, na Zona Sul ou na Zona Norte, próximo a alguma via expressa. As UPPs nessas diversas favelas, assim como o Exército na Maré, foram 'vendidas' nos noticiários da mídia empresarial como grandes promessas de paz, grandes exemplos de polícia cidadã que resolveriam a vida favelada.

Mas nada na vida de ninguém, – quanto mais quando a gente fala de favela, pobreza, miséria, nada disto – deve ser resolvido com polícia. Minha falta do direito à moradia, à educação, à saúde, ao trabalho e até

World Cup. In late 2013, we heard on the television news that peacekeeping forces - the army - were going to invade the entire Maré Complex.

The army stayed a year and five months in Maré. R\$1.7 million were spent a day on the soldiers' stay. Tanks and more war tanks circulated freely on our streets at all hours of the day and night. We were treated as targets, enemies, dangers, the ones who could threaten the big event - all because we were from the favela, and for that reason only.

Our pavement and cobblestone streets that the people of Maré built with their own hands were unable to stand the weight of the tanks roaming the streets. The schools began to receive a magazine called "O Recrutinha" or "The Little Recruit" from the army. In it, there was a little war tank for the children of Maré to cut out and play with. The schools were closed during this period due to the constant exchange of gunfire.

Houses were continually destroyed and surrounded by war tanks in the Salsa and Merengue favela. Approximately 30 families were left without homes and their belongings because the soldiers prohibited them from going to get documents, furniture - everything they had built during their lives. Even today, they still have not received anything in return.

Walking around on the streets was also prohibited. A curfew was imposed, people were jailed and moto-taxi drivers were not allowed to work. Residents even had to get authorisation from the army to hold a street party. Things that the community did on a regular basis - barbecue and socialise on the street and other usual pastimes - were no longer permitted. Funk, forró and rock dances were also banned.

Women suffered constant abuse during the humiliating searches and sexist treatment. We even heard about accusations of rape. One

mesmo à segurança não se resolve e nunca se resolverá com a política de matar pobre, com a polícia. Tudo isto se resolve com direitos, e o primeiro deles é à vida, algo ainda que não temos. Já sabemos que a Polícia

Militar é o capitão do mato de ontem. Mudou o século, mas a forma de matar e criminalizar na periferia e na favela é a mesma.

A entrada das UPPs e do Exército nessas favelas têm feito também com que a gente sofra com o encarecimento do solo: aluguéis mais caros, venda de casas mais caras. É a remoção branca, camuflada, a remoção não dita por ninguém, apenas por nós que estamos passando por isso.

Com as UPPs, eles ainda 'vendem' a ideia de que adquirimos novos direitos, mas o que na verdade eles chamam de direitos são produtos: impostos, legalização da luz e da água, chegada de lojas e bancos. O que é preciso questionar também, pois eu quero, sim, um dia pagar luz legalizada, água, tudo, mas cadê os nossos direitos à moradia? À saúde? Ao emprego? É perceptível que todo esse projeto nunca foi para trazer paz para as vidas faveladas e, sim, paz para os ricos, para os gringos, para a realização dos megaeventos. Mas, para essa paz, estamos pagando um alto preço, estamos pagando com a vida. É o nosso sangue no chão em troca de um megaevento!

A gente se pergunta: quantos mais morrerão? Quantas novas mães e familiares de vítimas vão surgir? Quantas casas iremos perder? Quantos sangues iremos lavar? Quantas lágrimas ainda iremos derramar? Quantas vezes ainda correremos do caveirão? Quantas censuras iremos sofrer? Quantos tanques de

guerra eu ainda vou ver na porta da minha casa? Não podemos mais sobreviver, queremos o direito à vida, o direito de existir, respirar, ser parte da cidade e não margem!

Favela resiste e resistirá à militarização da vida!

resident after another was assassinated and some are now missing an arm or a leg. It was truly daily abuse and extermination authorised by the government in exchange for a game - in exchange for a World Cup that did not represent us in any way.

Militarisation of the favelas in Rio during the Olympics

The Olympics are almost here and to anyone who is not from the favela, they might seem like just another sporting event. But for us, they mean terror, fear, deaths, the caveirão, army tanks, threats, silence, censorship of community media and the militarisation of life. Currently, more than 50 favelas in Rio de Janeiro have been invaded by Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs, or police pacification units), which is a policy of the government and the state Secretariat of Public Security to kill poor people. This so-called "citizen" police has been killing our people every day to bring peace to those who live in neighbourhoods close to the favelas and to tourists.

The favelas that were chosen for the UPPs are located in the South Zone or North Zone close to the expressways. Just like it did with the army in Maré, the corporate media news programmes 'sold' the idea of establishing UPPs in the favelas by making big promises of peace and giving fantastic examples of how the citizen police would resolve the problems of the favelas. But nothing in anyone's life - especially when we talk about the favelas, poverty and extreme poverty - will ever be resolved by the police. My lack of right to housing, education, health, work and even security cannot be and will never be resolved by a policy of killing the poor, nor the police. Rights are the real solution and the first one is the right

to life - something we still do not have. We know that the military police is the bush captain of the past. The century has changed, but the way of killing and criminalising people in the periphery and the favela remains the same.

Thanks to the arrival of the UPPs and the army in these favelas, we are now suffering from increases in land prices as well: rent is more expensive and houses are selling for more. This is a disguised form of eviction - evictions that no one is talking about except us, as we are the ones being affected.

With the UPPs, they even 'sell' the idea that we are gaining new rights. However, what they call rights are, in fact, products: taxes, the legalisation of the electricity and water supply, the opening of stores and banks. One day, I do want to pay for a legal connection to electricity, water and everything, but what we need to question is what about our rights to housing? To health? To employment? It is clear that this whole plan was never

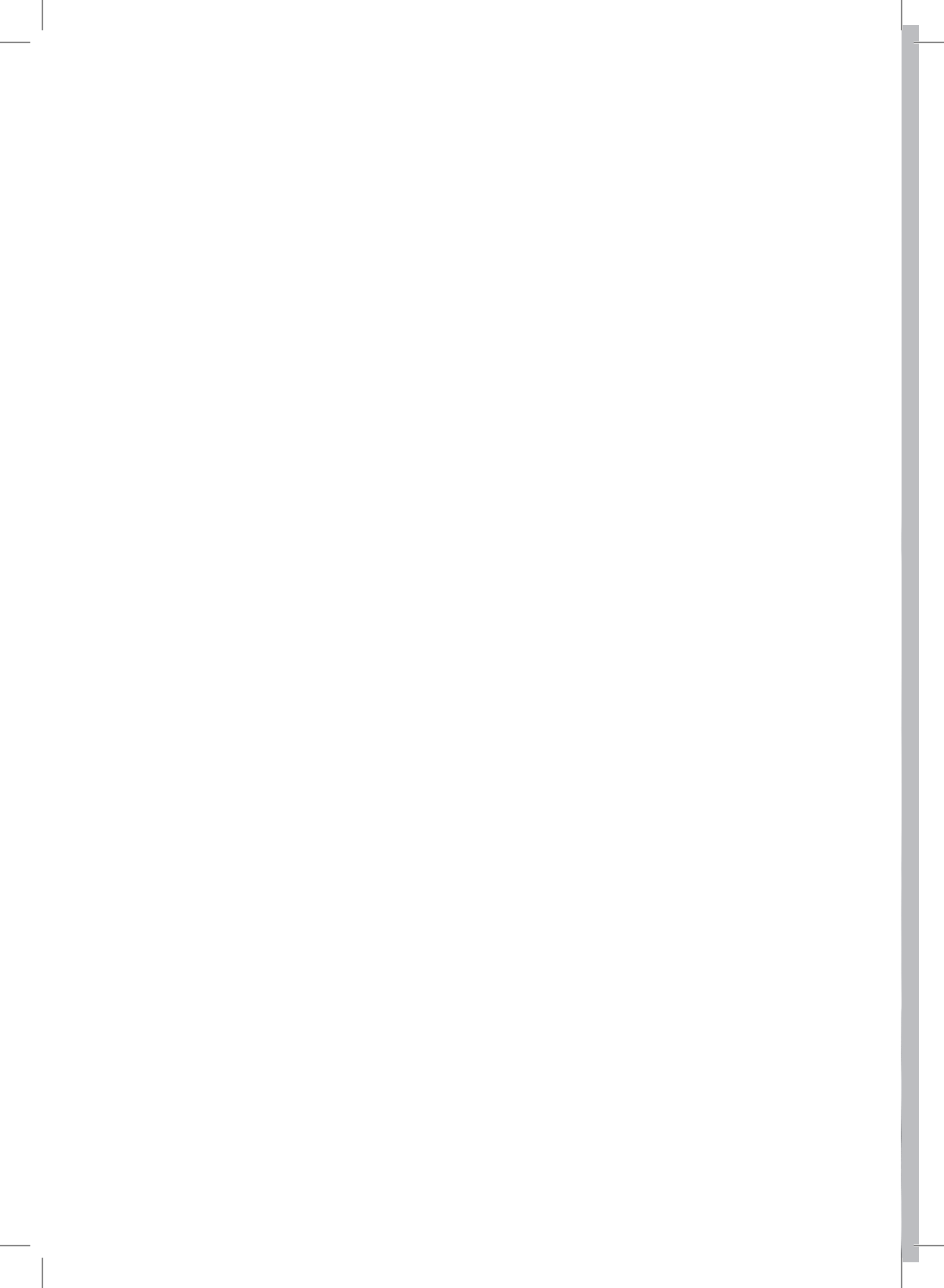
meant to bring peace to the lives of the communities in the favelas, but rather peace to the rich and foreigners and to ensure the mega events could be held. But we are the ones paying the price for this peace: we pay with our lives. Our blood is being shed for the sake of a mega event!

We ask ourselves how many more will die? How many new mothers and relatives of the victims will appear? How many houses will we lose? How much blood will we have to wash off? How many tears will we have to shed? How many more times will we have to run from the caveirão? How much more censorship will we have to take? How many army tanks will I still have to see at my doorstep? We cannot survive anymore. We want the right to life, to exist, breathe and be part of the city, and not marginalised!

The favela is resisting and will continue to resist the militarisation of life!



Gizele Martins é
jornalista, comunicadora comunitária e moradora da Maré



Embates na oficina de sonhos de Maria da Penha

Texto: Thiago Mendes • InstitutoPACS

Fotos: Aline Furtado

Vivendo no centro do furacão das remoções forçadas na Vila Autódromo, Penha tem uma história de vida marcada por grandes resistências.





Penha semeia luta, sorrisos e frutos na Vila Autódromo

A vida de Maria da Penha Macena, 50, pode ser comparada a uma marcenaria que nunca para de funcionar. Há sempre sonhos a construir, expandir ou polir, em madeira ou alvenaria, pela senhora baixinha, de fala firme e cabelos curtos e enrolados. A julgar apenas pelos seus 1,50 m e 42 kg, é possível antever uma trajetória de garra e luta. Mas a aparência da paraibana dificilmente permite imaginar a cena de Penha, como é conhecida, sendo agredida por golpes de cassetete da guarda municipal e vendo o próprio sangue escorrer pela cara.

A cena difícil de conceber aconteceu em uma data que todo mundo na Vila Autódromo lembra, pois geralmente só quem bate esquece. No dia 3 de junho de 2015, quando o oficial de justiça autorizou o avanço da guarda municipal, às 14h40, Penha deu os braços aos vizinhos, segurou-os firme e conseguiu impedir a demolição de mais uma casa na Vila Autódromo. A corrente humana contra a truculência da prefeitura do Rio custou a ela uma fratura em um osso abaixo do olho. Embora se recupere bem da agressão, há um marca mais forte a ser curada todos os dias: a lembrança latente de quem, há mais de duas décadas, convive com a violação de um direito fundamental. “Sou moradora há 22 anos e sou ameaçada de remoção há 22 anos”, resumiu ela dias antes do embate, numa espécie de previsão.

A valentia de quem enfrentou as remoções na linha de frente está amparada na história da menina que, aos oito anos, deixou Itabaiana, no estado da Paraíba, para morar com a mãe, a avó e um irmão em um barraco de madeira na Rocinha, uma das mais conhecidas favelas cariocas. “Éramos quatro. Primeiro veio a minha mãe, e eu fiquei com minha vó e meu irmão na Paraíba. Minha

Clashes in Maria da Penha's workshop of dreams

The life of Maria da Penha Macena, 50, can be compared to a carpenter's workshop that never closes. For this small, thin, curly haired lady, there are always dreams to build, expand or polish, in wood or bricks. Judging by her 1.5 m in height and 42 kg in weight, one can tell she has had to fight tooth and nail many times in her life. But when one looks at this woman from Paraíba, it is hard to imagine the scene of 'Penha', as she is known, being beaten with a riot police baton, her face drenched in blood.

This is what happened on June 3rd, 2015. When the judge authorised the municipal police to use force at 2:40 pm that day, Penha linked arms with her neighbors and held on tight. Together, they managed to prevent another home in Vila Autódromo from being demolished. The cost of being part of this human chain against the brutality of the City of Rio was a fractured bone under her one eye. Although she has already recovered from the violent attack, there is still a deeper wound that needs healing every day: that of having to live with the violation of one of her fundamental rights for more than two decades.

“I have been living here for 22 years and I have been threatened with eviction for 22 years”, she said some days before the clash with police .

But her bravery is not born of circumstances. Her courage to stand on the frontline of the fight against forced evictions in Rio is quite understandable when we listen to the story of this girl who left Itabaiana at the age of 8 to go live with her mother, grandmother and brother in a wooden shack in Rocinha, one of Rio's most well-known favelas.

“There were four of us. My mother came

mãe conseguiu comprar um barraco, e nós viemos”, relembra Penha. Ela não se lembra da longa viagem até o Rio de Janeiro, mas as primeiras memórias na nova cidade ainda estão frescas. Pela primeira vez, a

to Rio first and I stayed in Paraíba with my grandmother and my brother. When my mother was able to buy a shack, we all came”, Penha recalls. She cannot remember the long trip from Paraíba to Rio de Janeiro, but her first memories of the new city are still fresh in her mind. It was the first time she had ever seen ordinary things such as Santa Claus, television and toothbrushes. “People used to dream of having a house with a bathroom, electricity, a refrigerator, a television. Today, any poor person can have these things, but that’s not how it used to be”, she stated.

Memories from her childhood before coming to Rio are also blurred. She attended school for awhile, but left because her family could not afford to buy a uniform. She recalls how good the school meals were, as they did not always have enough to eat at home. She also remembers when her grandmother used to leave her alone at home to go beg on the streets.

But Penha did well in Vila Autódromo. There, she gradually built a spacious house with three bedrooms, a kitchen, two bathrooms and a second floor where children from the community meet for catechism and a terrace.

“I built all of this myself. The government didn’t give me anything. And they saw me building it”, Penha stated. Now, City Hall fights to take over the land in Vila Autódromo, which is next to where the Olympic Park is being built. Many have left their homes. Penha is one of residents who insist on staying.

She has the same persistence as the girl who started working in a bar at the age of eight as a dishwasher and, later, serving coffee and buttering bread. In the shack on the top of the hill, four people could barely fit and there was no electricity nor running water. Penha worked part-time every day, then went to school and returned to work at night.

“I used to work seven days a week. I had no day off, no holidays”, she said. Penha built up

menina viu coisas banais como Papai Noel, televisão e escova de dente. “Antigamente era um sonho ter uma casa com banheiro, luz, geladeira, televisão. Hoje é possível qualquer pobre ter. Antigamente, não”, compara ela.

Da infância antes da viagem, as cenas também emergem embaçadas. Chegou a frequentar o colégio, mas saiu porque não tinha dinheiro para comprar uniforme. Guarda a delícia da merenda na escola, pois em casa faltava o que comer. Lembra também a avó deixando-a sozinha em casa para pedir esmolas na rua.

Mas Penha venceu na Vila Autódromo, onde ergueu aos poucos uma casa espaçosa, com três quartos, cozinha e dois banheiros, um segundo piso onde se reuniam as crianças da catequese da comunidade e um terraço. Tudo veio abaixo no dia 8 de março de 2016, Dia Internacional da Mulher, por força de escavadeiras e de uma ordem judicial obtida pela Prefeitura do Rio na Justiça. “Tudo isso fui eu que construí. O governo não me deu. E eles viram isso ser construído”, descreve Penha.

A persistência de Penha é a mesma da menina que começou a trabalhar aos oito anos num bar, lavando copos, depois servindo café e passando manteiga em pão. No barraco de madeira, no alto do morro, espremiavam-se quatro pessoas, sem luz nem água encanada. Penha trabalhava meio período, ia para escola e voltava a trabalhar à noite. “Isso de domingo a domingo. Não tinha folga, não tinha feriado”, conta ela. Do suor, nasceu uma pequena poupança, que a permitiu comprar um barraco, ainda de madeira, na sub-

ida do morro. “Quando eu tinha 16 para 17 anos, mais ou menos, eu comecei a ver que eu poderia mudar de vida, que eu queria uma coisa

melhor para mim. Eu não queria viver a vida inteira naquele barraco. E como o barraco era num lugar muito alto, meu sonho era descer e viver num espaço maior”, descreve ela.

Penha desceu o morro, mas sempre apontava para cima seu pensamento. Vivendo em um barraco melhor, já tendo comprado guarda-roupa e geladeira, a jovem Penha matinha consigo uma certeza persistente. “Eu falei: ‘Não quero viver a vida inteira na Rocinha’. Eu sempre tive uma personalidade muito forte. E sempre fui muito determinada. Quando quero alguma coisa, eu sempre luto muito pelo meu objetivo. Se eu quero aquilo, eu vou lutar por aquilo.”, cita ela. Aos 20 anos veio a gravidez, a vontade de ter um lugar próprio para criar a filha. “Uma menina linda, maravilhosa, cheia de saúde, que é uma bênção na minha vida”, fala Penha, ao descrever a filha Nathalia, que também esteve à frente da luta contra as remoções.

Para comprar o enxoval, Penha montou uma barraca no meio da rua onde vendia o seu angu à baiana, um prato que faz sucesso até hoje nas festas da igreja de São José Operário, na Vila Autódromo.

Quando descobriu a gravidez, Penha trocou os 3,5 mil cruzeiros da poupança por um “barraco velho, caindo aos pedaços”, sem condições de moradia, também na Rocinha. “Querida que minha filha nascesse e tivesse um lugar para morar. Comecei uma nova etapa na minha vida”, demarca. Quando a casa ficou finalmente pronta, a filha já tinha dois anos e sete meses. Entre a gravidez e essa data, Penha e o marido moraram de aluguel por nove meses. “Moramos um bom tempo. Fomos muitos felizes. Mas eu

her savings by the sweat of her brow, which allowed her to buy another shack, also made of wood, on the way up the hill.

“When I was about 16 or 17 years old, I realized that I could change my life. I wanted something better for myself. I did not want to live my whole life in that shack. As the shack was in a very high place, my dream was to go down the hill and live in a bigger place”, she recalled.

Penha moved down the hill, but her thoughts remained up at the top. Even though she now lived in a better place and had already managed to buy a wardrobe and fridge, young Penha was determined.

“I would say [to myself]: ‘I don’t want to live my entire life in Rocinha’”. She added, “I’ve always had a very strong personality. And I’ve always been very determined. When I want something, I fight a lot to achieve my goal. If I want it, I’ll fight for it”.

Pregnant at 20, her desire was to have a proper place to raise her daughter, “a beautiful, healthy girl who is a blessing in my life”, she shared with a smile. To buy baby clothes, Penha set up a stand on the street and started selling ‘angu à baiana’, a dish that is still popular today at church activities in Vila Autódromo.

When she discovered she was pregnant, Penha traded in her 3,500 cruzeiros [Brazil’s currency prior to the Real] for an “old shack that was falling apart” and not fit to live in in Rocinha. She pointed out that “I wanted my child to have a place to live when she was born. I started a new stage in my life”. The house was ready when her daughter was two years and seven months old. Penha and her husband had rented a place for nine months during her pregnancy. “We lived there for quite awhile. We were very happy. But I still had the idea that I did not want to live in Rocinha my whole life”. Besides the violence and drug trafficking problems, the narrow alleys of the favela did not offer much privacy to families and the sound of forró [a kind of music and dance from the Brazilian Northeast] coming from the bar next door would bother them the entire weekend.

When Penha’s mother-in-law was diagnosed with

continuava com a ideia de que eu não gostaria de morar na Rocinha a vida inteira”. Além da violência e do tráfico de drogas, os becos apertados da favela não permitiam muita privacidade às famílias, e o barulho do forró em um bar próximo incomodava todo fim de semana.

cancer, the family made a decision together. “We came to the conclusion that it would be good to sell all our houses. Even if we couldn’t afford to buy a big one, we could get a large plot of land where we could build houses close to one another”, Penha recalled. The family pooled the money from the sale of the sheds and bought a plot of land in Vila Autódromo in June 1994. Three months later, the first rumors about the whole community being evicted surfaced. Although many residents had a 99-year lease, the City claimed the houses were built illegally in the area.

“That’s when we started to get into the history of Vila Autódromo. What were we going to do? That money was everything we had. We were already settled into our new home. A huge fight [against eviction] already existed, but we didn’t know about it”, she explained. The quiet, spacious area where her daughter could ride her bicycle suddenly became a place of uncertainty. Her family was wary about expanding their houses for fear of what the future would bring.

The Pan American Games were held in Rio in 2007 and rumours saying everyone would be forced to leave resurfaced. After months of pressure, the community was able to breathe again when the games ended and they had not been evicted. Things began to improve in Vila Autódromo. Supermarkets opened up next to the community and buses stopped at the bus stop built by the women of the community.

“They always say they would evict us, but they have never come to negotiate with us. Until today, no one has come to ask me, a resident, if I want to move there [apartments that the City offers in exchange for the house] or where I want to stay”, Penha argued.

In the brutal attack in June 2015, Penha was the first to be hurt. She was removed from the clash with police with her face covered in blood. “My daughter pulled me out and took me aside. And I said, ‘you can take pictures’ and it started to appear in the media”.

Penha knows that the Constitution is not enough to guarantee her the right to housing.

A doença da sogra, com câncer, fez surgir na família uma decisão coletiva. “Chegamos à conclusão de que seria bom vender as casas. Mesmo que a gente não conseguisse uma casa grande, mas que a gente conseguisse um terreno grande em que a gente morasse perto uma da outra”, rememora Penha. E assim a família juntou o dinheiro da venda dos barracos e comprou um terreno na Vila Autódromo, em junho de 1994. Com três meses de moradia, surgiu o primeiro boato de que toda a comunidade seria retirada dali. A Prefeitura alegava que o local era fruto de ocupação, e o título de posse dos moradores não era suficiente para garantir o direito à moradia.

“Foi aí que a gente começou a entrar na história da Vila Autódromo. O que a gente ia fazer? Tudo que a gente tinha era aquele dinheiro. A gente já estava morando. Já tinha essa briga enorme e nós não sabíamos”, descreve Penha. E a comunidade tranquila, com espaço enorme para a filha andar de bicicleta, tornou-se um lugar incerto, onde a família se abstinha de construir por temer o futuro.

Vieram os Jogos Pan Americanos em 2007 e novo burburinho para a saída de todos. Depois de muitas pressões, a comunidade respirou aliviada quando as competições acabaram. As coisas foram melhorando, com supermercados mais próximos, ônibus que param no ponto construído pelas mulheres da comunidade. “Sempre disseram que iam tirar a gente, mas nunca vieram negociar conosco. Até hoje

ninguém veio perguntar para mim, moradora, se eu quero ir para lá

[apartamento] ou onde eu quero ficar”, argumenta Penha.

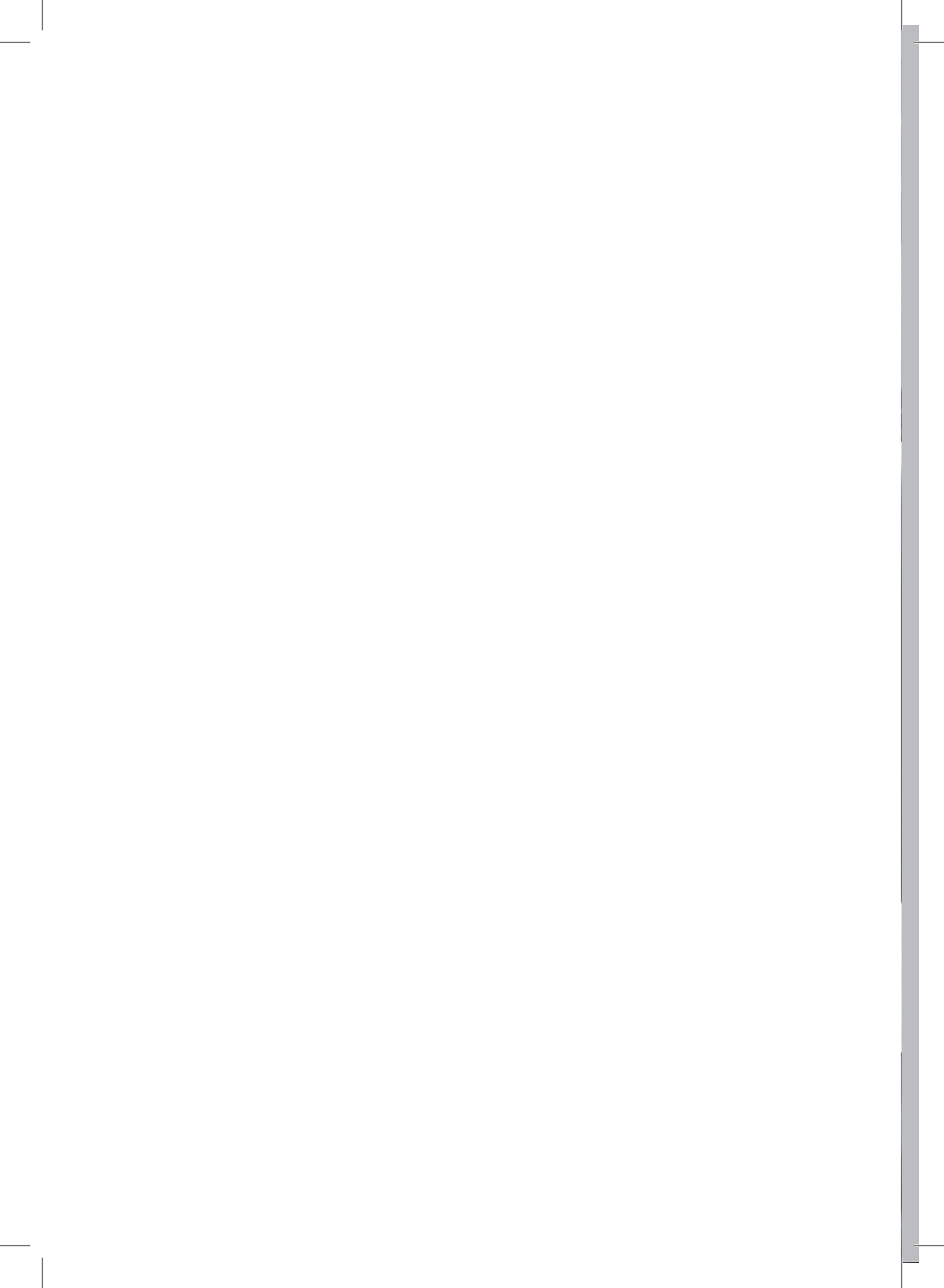
Na agressão de 3 de junho, Penha foi a primeira a ser retirada com o rosto lavado de sangue. “Minha filha me puxou, me tirou para um canto. E eu falei: ‘pode fotografar’ e começou a sair na mídia”. Na Constituição, a moradia é um direito social assegurado, mas quem passou por comunidades ameaçadas por remoções no Rio sabe o que é lei que se rasga todo dia. Centenas de moradores tiveram de deixar suas casas na Vila Autódromo em troca de indenizações e apartamentos financiados pela Caixa Econômica. Apenas 20 famílias conseguiram resistir e foram incluídas em um plano de urbanização no próprio chão da Vila - uma vitória histórica na resistência pelo direito à moradia.

There are “illegal pains”, as Brazilian poet Cassiano Ricardo wrote, still far from “enigmatic hearts” and the focus of the cameras. “Our rights must be recognized, respected. If there is democracy in this country, we have to respect them”, she argues. The most sought-after resident of Vila Autódromo, Penha leaves for another interview as soon as our conversation ends. On the wall at the entrance of her house, a picture of St. Joseph the Worker, carpenter in Galilee, reminds everyone that work never lets up.



Nosso direito tem que ser reconhecido, respeitado. Se tem uma democracia nesse país, a gente tem que respeitar.

Há “dores ilegais”, escreveu o poeta Cassiano Ricardo em O erro de cada dia, ainda longe do foco das câmeras e de “enigmáticos corações” de quem transforma cidade em mercadoria, vidas em cifras. “Nosso direito tem que ser reconhecido, respeitado. Se tem uma democracia nesse país, a gente tem que respeitar”, resume ela. Muito procurada por todos que se achegam à Vila Autódromo, Penha parte para outra entrevista tão logo termina a conversa. Na parede da entrada da casa de árvores frutíferas, um quadro de São José Operário, carpinteiro na Galileia, lembrava a moradores e visitantes que o trabalho não dá trégua.



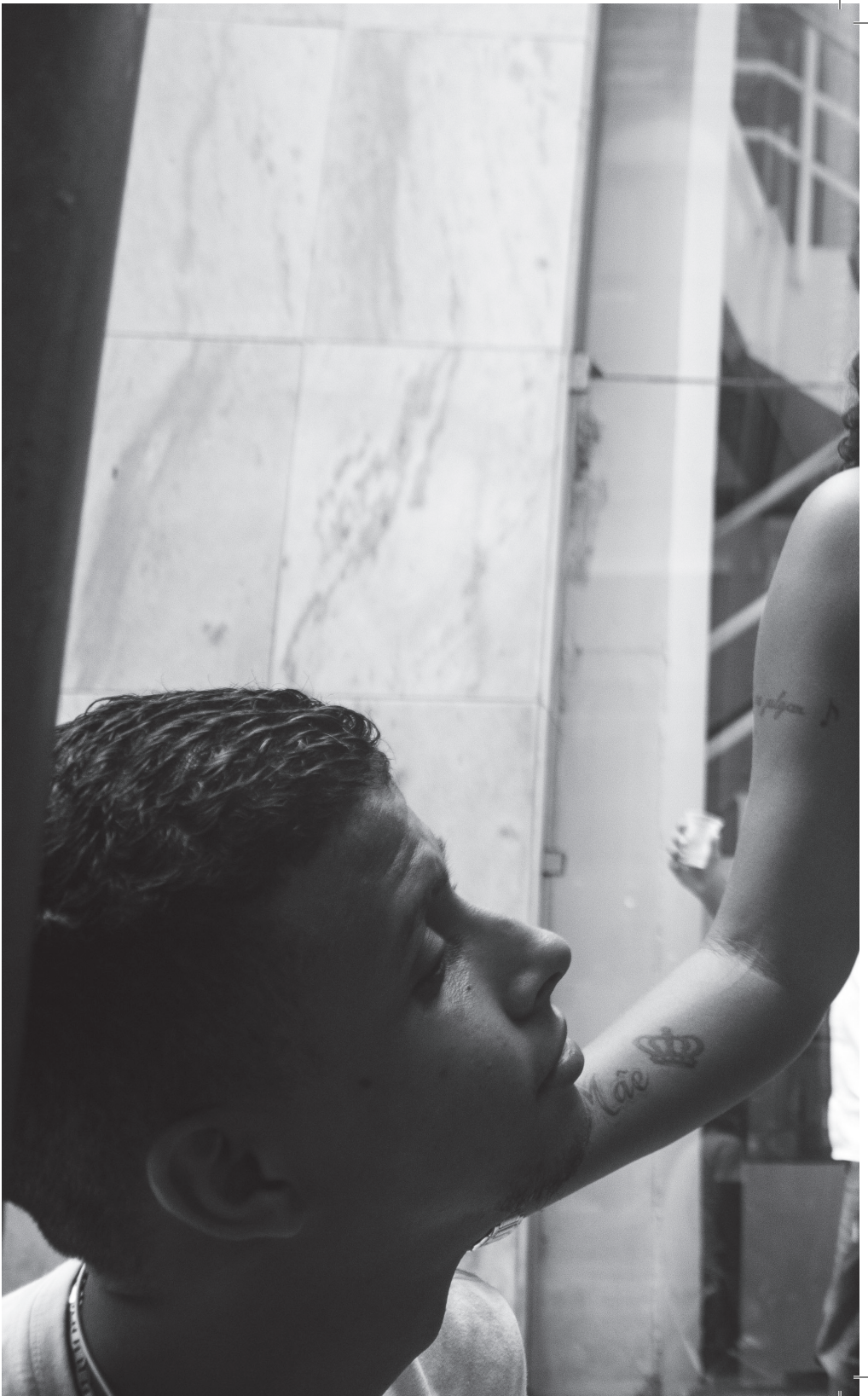
O orgulho entre as dores de Maria dos Camelôs

Texto: Thiago Mendes • InstitutoPACS

Fotos: Aline Furtado

Maria de Lourdes carrega a mágoa de ter sido agredida enquanto trabalhava nas ruas, mas guarda o orgulho da profissão que escolheu para si.







A manifestação dos camelôs já tinha terminado, na quinta-feira, quando um novo coro foi puxado por Maria de Lourdes, 41, na escadaria da Câmara Municipal. “Vergonha! Vergonha! Prefeito sem-vergonha!”.

The street vendors’ protest on Thursday had already ended when Maria de Lourdes, 41, started chanting on the steps of Rio’s City Hall: “Shame! Shame! The mayor has no shame!”. Maria heads the Movimento Unido dos Camelôs (MUCA, the United Street Vendors Movement), which contests the municipal government’s savage repression of the right to work.

Maria has been a street vendor for 19 years. One day, right before Christmas, she went out to sell wrapping paper on the street. She has not stopped since. “I saw people going out on the street and making money, and there I was, working as someone’s employee. I decided to quit, get some merchandise and go to work”, she said. Today, she sells women’s clothing on the streets of downtown Rio. According to a study released in 2010 by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), 34% of workers in the city of Rio de Janeiro are not officially registered.

The wrapping paper she had to sell lasted three days, but Maria wanted more. She left her job as a domestic worker and began to buy products to sell. Since then, she works only for herself and has managed to raise three children. Her fourth child, Antônia, was born in April 2016. Kauê was fifteen days old when something that would mark Maria for the rest of her life happened: a brutal attack by a municipal police officer.

Seven days after Kauê was born, Maria was back out on the street, with her child in her arms and still recuperating from two surgeries: a caesarean and tubal ligation. “As there was a lot of repression at the time, my mother wouldn’t let me take Kauê with me anymore. So, I would go alone,” she explained. Her mother’s advice was a godsend. One week later, she was forced to take extra “recovery time” when she was assaulted by a municipal police officer. “The officer grabbed

Maria está à frente do Movimento Unido dos Camelôs (MUCA), que desafia a truculência do governo municipal no Rio contra o direito ao trabalho de comerciantes informais.

Maria é ambulante há 19 anos. Certo dia foi para a rua vender papel de presente em um balde às vésperas do Natal. Nunca mais saiu. “Eu via as pessoas indo para a rua e ganhando dinheiro. E eu trabalhando de empregada para alguém. Eu decidi sair dali, pegar minha mercadoria e trabalhar”, conta ela, que hoje vende roupas femininas nas ruas do Centro. Segundo pesquisa de 2010, o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 34% dos trabalhadores da cidade do Rio de Janeiro trabalham sem registro formal.

A venda de papel de presente durou três dias. Maria almejava mais. Deixou o trabalho como empregada doméstica e começou a comprar mercadoria. Desde então só trabalha para si e dessa forma conseguiu criar três filhos. A quarta, Antônia, nasceu em abril de 2016. Kauê tinha quinze dias de vida quando um momento marcou a vida de Maria: a agressão da guarda municipal.

Sete dias depois do nascimento dele, Maria estava na rua, com o filho nos braços e ainda se recuperando de duas cirurgias: a cesariana e a laqueadura. “Como estava tendo muita repressão naquela época, minha mãe não deixou mais eu levar

o Kauê. Aí eu continuei vindo sozinha”, explica ela. O conselho da mãe foi a sorte de Maria. Uma semana depois, ela enfrentou um “resguardo” forçado, ao ser agredida pela guarda municipal. “A guarda me

pegou e me bateu muito. Eu fiquei muito machucada. Fui para o hospital e fiquei pensando um mês em casa: ‘A gente tem que fazer alguma coisa’.

Na violência física e psicológica no período pós-parto, Maria dos Camelôs, como é conhecida, teve o nariz quebrado, o que a impossibilita de uma necessidade: usar óculos. “Eu me recuperei, mas sempre fica a seqüela. Fora as mágoas. Você apanhar porque está trabalhando é muito dolorido”, ressentente-se. Foi nesse momento que viu na mobilização o caminho para a luta. Tão logo se recuperou, reuniu um grupo de ambulantes —muitos deles hoje não trabalham mais na rua— e procurou algumas pessoas no Partido dos Trabalhadores (PT). Era um ano de empolgação: o primeiro ano do mandato do presidente Lula. O PT indicou a Central Única dos Trabalhadores (CUT) para o apoio. Nascia assim o Movimento Unido dos Camelôs, com “panfleto, carro de som, advogado”, conforme cita Maria.

Orgulho e Vergonha — “Quando eu tive o Kauê, eu estava separada e tinha que manter a minha casa. Quando eu trabalhava em casa de família, eu pagava o meu aluguel e, se eu pagasse alguém para ficar com meus filhos, eu ficava com fome. Foi aí que optei em trabalhar na rua e fazer meu salário”, conta Maria. A ambulante tem orgulho do que faz e passou esse ensinamento aos filhos. Na escola, eles não escondem que a mãe é, sim, camelô.

Maria é uma líder discreta. Numa manifestação em agosto de 2015, falou pouco durante o ato. Pediu a fala basicamente para denunciar a apreensão de mercadorias de um colega: panos de prato. Uma das principais reclamações dos camelôs é não ter as mercadorias devolvidas ao buscarem

me and hit me a lot. I was badly hurt. I went to the hospital and I stayed at home for a month thinking, ‘We have to do something’.

As a result of the physical and psychological violence she suffered in the postpartum period, Maria dos Camelôs, as she is known, had a broken nose. This made it impossible for her to meet one of her basic needs: to wear glasses. “I recovered, but the scars will always remain, not to mention the hurt. It is very painful to be beaten because you are working,” she told us. That was when she saw mobilising as the solution for her fight. As soon as she was better, she gathered a group of street vendors - many of which no longer work on the street - and went to talk to people from the Workers’ Party (PT). That was an exciting time: the first year of President Lula’s mandate. The PT suggested she go to the Central Única dos Trabalhadores (CUT, or the Unified Workers’ Confederation) for support. Then, the Movimento Unido dos Camelôs was born with “pamphlets, a car with a loudspeaker and a lawyer”, Maria explained.

Pride and shame - “When I had Kauê, I was separated and had to support my home. When I worked for a family, I paid my rent and if I paid someone to stay with my children, I would go hungry. That is when I opted for working on the street and making my own money,” Maria recalled. The street vendor is proud of what she does and has passed this lesson on to her children. At school, they do not hide the fact that their mother is a street vendor.

As a leader, Maria is discreet. She spoke very little during a protest held in August 2015. She basically only asked to speak to denounce the confiscation of a colleague’s goods: dish clothes. One of the street vendors’ main complaints is that their merchandise is not returned to them when they go to get it from the city’s depots. Not even vehicles such as tricycles have been returned.

por elas nos depósitos da Prefeitura. Nem veículos, como triciclos, têm sido devolvidos. A abordagem dos guardas municipais geralmente é violenta, e a palavra mais ouvida pelos camelôs é “perdeu”, termo comum entre assaltantes ao abordar suas vítimas.

The municipal police's tactics are generally violent and the words street vendors hear the most are “it's gone” - a phrase that is commonly used by thieves when they approach their victims.

At the end of the protest, Maria joined several other women street vendors on the steps of the City Hall in yelling, without a microphone, so that passersby would clearly understand their message: “I am a street vendor. I am proud of what I do and I do it with a lot of love”. Their slogans imitate the chants sung by soccer fans in the stadiums. The workers' pride mixes with the shame of the “land of soccer shoes” and the country of the World Cup and the Olympics, which pushes those who seek to earn a living or who are simply not wanted in the pictures of the tourists who will come to see the Games off the field. On this sunny winter day in Rio, the sun hid its embarrassment behind the clouds precisely at the moment when Maria began to sing about pride and suffering.

No fim do ato, Maria se junta a outras tantas mulheres camelôs na escadaria da Câmara Municipal para gritar, sem microfone, para os passantes entenderem bem o recado: “Eu sou camelô. Com muito orgulho. Com muito amor”. Os gritos imitam os versos cantados pela torcida brasileira nos estádios. O orgulho de trabalhadores e trabalhadoras se mescla à vergonha da “pátria de chuteiras”, país da Copa e das Olimpíadas, que joga para o

canto quem busca tirar dali seu sustento—ou é simplesmente indesejado nas fotos dos turistas que virão ver os Jogos. Num dia ensolarado de inverno carioca, o sol se escondeu constrangido entre as nuvens no exato momento em que Maria cantava orgulhos e dores.

A corrida de Edneida Freire entre as barreiras da Cidade Olímpica

Texto: Thiago Mendes • InstitutoPACS

Fotos: Aline Furtado

A vida da educadora Edneida Freire há tempos se cruzou com o Célio de Barros. A reabertura do estádio público é o sonho de muitos atletas sem-teto no Rio.







Na vida da educadora de atletismo Edneida Freire, 51, há uma disputa ainda não vencida que transforma o semblante da amazonense. O sorriso largo dá lugar à indignação quando Edneida fala sobre o fechamento do Estádio de Atletismo Célio de Barros, casa de centenas de atletas no Rio, trancado ao acesso do público em janeiro de 2013. Na Cidade Olímpica, o direito ao esporte vem sendo constantemente violado com o fechamento de equipamentos esportivos: uma disputa desleal que coloca atletas e treinadores de um lado e organizadores dos Jogos de 2016 do outro.

Edneida Freire's race between the hurdles of the Olympic city

In the life of athletics coach Edneida Freire, 51, there is still one race that has yet to be won. The mere mention of it immediately changes the expression on her face. Edneida's big smile turns into indignation when she talks about the closure of the Célio de Barros Athletics Stadium. Home to hundreds of athletes in Rio, it was closed to the public in January 2013. In the Olympic city, the right to sports is constantly being violated by the closure of sport facilities: an unfair competition that puts athletes and trainers on one side and the organisers of the 2016 Games on the other.

The numerous races, jumps and the obstacles she has overcome are visible on the face and the track record of this former athlete. Born in Manaus (state of Amazonas), she fell in love with athletics while still in school. In 1985, she left her family to begin a new life in Rio de Janeiro (4,374 km away) and to study and pursue her dream of having a career on the tracks.

Edneida and the Célio de Barros Stadium crossed paths some time ago. In 1980, at the age of 16, after breaking her nose and a few teeth just one day before a competition, Edneida earned the title of Brazilian champion of pentathlon in the stadium that she would call home years later.

Her victory earned her a trip to eleven cities in the US and competitions in Los Angeles and Miami. She was also offered bursaries to study physical education in Rio. After finishing university, she began to work on social projects for children and adolescents.

"I didn't leave Célio de Barros after that. My whole life in Rio de Janeiro was spent there. I used to say it was my first home. I practically spent seven days a week there," Edneida explained. She calculates that between the children

As muitas corridas, saltos e obstáculos superados aparecem no rosto e na trajetória da ex-atleta, nascida em Manaus (AM). Foi lá onde se apaixonou pelo atletismo, ainda na escola. Em 1985, deixou a família para começar uma nova história no Rio de Janeiro (4.374 km de distância), para estudar e perseguir o sonho da carreira nas pistas.

O percurso de Edneida se cruzou com a do Estádio Célio de Barros há algum tempo. Em 1980, aos 16 anos, após fraturar o nariz e quebrar alguns dentes um dia antes de uma competição, Edneida foi campeã brasileira de pentatlo no estádio que, anos mais tarde, iria abraçar.

A conquista rendeu a ela uma viagem a onze cidades nos EUA e competições em Los Angeles e Miami, além do convite para cursar Educação Física com bolsa de estudos no Rio. Terminada a faculdade, ela passou a trabalhar com projetos sociais voltados para crianças e adolescentes.

"Eu não saí mais do Célio de Barros. Minha história aqui no Rio de Janeiro foi toda lá. Eu dizia que era minha primeira casa. Ficava de segunda a segunda, praticamente", detalha. Ela contabiliza que passavam por lá cerca de

800 pessoas todos os dias, entre crianças de projetos sociais e atletas olímpicos e paralímpicos, que dividiam o treino em oito raias. A "casa do atletismo no Rio" amanheceu no dia 9 de janeiro de 2013 com um

800 pessoas todos os dias, entre crianças de projetos sociais e atletas olímpicos e paralímpicos, que dividiam o treino em oito raias. A "casa do atletismo no Rio" amanheceu no dia 9 de janeiro de 2013 com um

cadeado no portão. Equipamentos de treino, documentos dos atletas, tudo ficou lá dentro sem que ninguém fosse autorizado a entrar.

A pista onde Edneida treinava cerca de 80 crianças de 4 a 10 anos, considerados por ela como “filhos adotivos”, foi destruída para receber entulho da obra do Maracanã e depois foi asfaltada para dar lugar a um estacionamento. Do antigo centro esportivo só restaram as arquibancadas, graças a liminares na Justiça e porque “é um tapume para a sujeira que estão fazendo”, conforme denuncia a própria Edneida.

“A gente aguentou aqueles buracos quilométricos, aquelas máquinas. A gente competiu com aquela poeira desgraçada, porque a gente esperava que, depois da obra do Maracanã, fosse melhorar para a gente. A gente treinou com máquinas gigantescas dentro da pista. Eles foram afunilando a gente. Foi assim nossa tortura. Porque ninguém queria sair de lá, porque aquilo era nosso”, resume Edneida.

Para ela, o fechamento do Célio de Barros representou uma grande violação de direitos humanos, já que ocorreu sem o mínimo diálogo. Todos foram postos - no “olho da rua”; e, três anos depois, atletas, treinadores, crianças e adolescentes continuam perambulando sem local fixo. De início, o Governo do Estado ofereceu como espaço de treino o Estádio Olímpico do Engenhão, sede do clube de futebol Botafogo. Foram dois meses disputando a pista com os jogadores do clube. Em dias de partida de futebol, os treinos não eram permitidos. Para usar o banheiro, era preciso contar com a boa vontade do dono de um bar, do lado de fora do Estádio.

Mas o Engenhão precisou ser fechado, em razão de problemas na estrutura da sua cobertura. Os atletas ficaram novamente sem ter onde correr. Os treinamentos foram transferidos para a Quinta da Boa Vista, um parque público da cidade.

from the social projects and the Olympic and Paralympic athletes, close to 800 people went to the stadium every day. Training was divided into eight lanes. On January 9th, 2013, people arrived at the “home to athletics in Rio” only to find a padlock on the door. Training equipments, athletes’ documents...everything was left inside and no one was authorised to enter.

The track Edneida used to train 80 children from 4 to 10 years of age, who she considered her “adopted children”, was destroyed so that the rubble from the works on the Maracanã stadium could be dumped there. Later, it was later paved and turned into a parking lot. Of the old sports centre, only the bleachers remained thanks to court injunctions and because “they served as boarding around the mess they are making”, Edneida denounced.

“We put up with those kilometre-long holes and the machines. We competed with that wretched dust, because we expected things to get better for us once the works on Maracanã were finished. We would train with the gigantic machines on the track. They squeezed us into funnels. That is what our torture was like. No one wanted to leave because the place was ours”, Edneida explained.

For her, the closure of the Célio de Barros stadium represents a serious violation of human rights because it was closed with not even a minimum of dialogue. They were all literally “thrown out on the street” and, three years later, athletes, trainers, children and adolescents continue to wander around without a permanent place to go to. At first, the state government offered them the Engenhão Olympic Stadium, the headquarters of the Botafogo soccer team, as a place to train. They spent months competing with the team’s players for the use of the track. On game days, they were not allowed to train. To use the bathroom, they had to count on the goodwill of the owner of the bar just outside the stadium.

“Com as crianças é mais complicado ir para a rua, espaço aberto. Sem contar que você lança um dardo e fica preso na árvore. Chama-

mos um bombeiro para tirar o dardo de uma árvore centenária. Um peso foi arremessado, entrou num buraco com lama, e a gente nunca mais conseguiu tirar o peso de lá”, detalha Edneida sobre os perrengues por que passam os atletas sem-teto.

But the Engenhão stadium had to be closed due to structural problems with its roof. Once again, the athletes were left with nowhere to go. Training was transferred to Quinta da Boa Vista, one of the public parks in the city.

“With children, it is more complicated to go out on the street and in open spaces. Not only that, but when you throw a javelin, it gets stuck in a tree. We had to call the firemen to come remove a javelin from a hundred-year-old tree. While we were practicing shot put, the ball fell into a muddy hole and we never managed to get it out of there”, Edneida said, as she described the troubles the homeless athletes had to face.

Furthermore, it is impossible for athletes competing at the international level to train in parks without equipment such as starting blocks, tools to measure metres and proper lanes. Edneida stated that a place to train was eventually found, but only for athletes with the top ten times in Brazil. “How am I supposed to explain to a child that he or she aren’t allowed in because they are not good enough?”, the trainer said, as she looks away in silence with tears running down her face.

This is the case of 8-year-old Guilherme Leite who lives in Rio’s north end and has been training at the Célio de Barros stadium since he was four. “If Guilherme lived in any other country that takes things seriously, he would be a child already being prepared to make it to the Olympics”, Edneida affirmed angrily. She describes Guilherme as a boy who, for now, is “only playing with athletics”.

Edneida says she is pessimistic about the state government’s promise to rebuild the stadium after the Olympics. The warm-hearted trainer’s eyes shine with emotion when she talks about her work with the children, but turn sad when she thinks of how many of them she was not able to take under her arm after the stadium was closed down.

“They could go ahead and build five new stadiums, but the Célio de Barros stadium is part of

Além disso, os atletas de nível internacional não tiveram como treinar em parques abertos, sem equipamentos como bloco de saída, metragem e pista adequadas. Edneida conta que foi encontrado um local de treinamento apenas para os atletas com os dez melhores tempos do Brasil. “Como eu posso explicar para uma criança que ela não pode entrar porque ela não tem resultado?”, conta a treinadora, olhar de lado, silêncio e choro.

É o caso do menino Guilherme Leite, 8, morador da Zona Norte do Rio e desde os quatro treinando no Célio de Barros. “Em qualquer país sério em que o Guilherme morasse, ele já ia ser uma criança que seria preparada para chegar a uma Olimpíada”, indigna-se. Ela descreve Guilherme [ver foto] como um garoto que, por enquanto, está “apenas brincando de atletismo”.

Edneida se diz pessimista com a promessa do Governo do Estado de reconstruir o estádio depois das Olimpíadas. A simpática treinadora de olhos brilhantes se empolga ao falar sobre o trabalho com as crianças, para depois se entristecer ao pensar em muitas que ela não conseguiu levar debaixo do braço depois do fechamento do estádio.

“Eles poderiam construir cinco estádios novos. O Célio de Barros é um patrimônio histórico, jamais poderia ser violado. Tem história de vida ali dentro”, resume.

A conversa acaba, Edneida escreve ao repórter num papel – “Que

Deus esteja sempre conosco!” – corre para suas obrigações, pois há sempre outro treino a cumprir, mesmo sem teto. A treinadora conhece as derrotas, e por isso sabe que a luta na Cidade Olímpica é uma prova de vários quilômetros com barreiras.

our historical heritage, which should never be violated. There is life history in there”. When the conversation ended, Edneida wrote “May God be always with us!” on a paper and handed it to the reporter before running off to her next commitment. There is always another training session, even without a roof. As the trainer is familiar with defeat, she knows that the struggle in the Olympic city is a race with hundreds of kilometres of hurdles to overcome.



Edneida venceu muitas disputas na vida e não desiste do sonho de voltar ao estádio Célio de Barros, sua “segunda casa”



Mariza do Amor Divino e o varal deixado à espera de compaixão

Texto: Thiago Mendes • InstitutoPACS

Fotos: Aline Furtado

Três vezes removida na vida, a história de Mariza é a máxima expressão da atrocidade das máquinas que não podem esperar nem um minuto.





Mariza do Amor Divino chegou à Vila Autódromo como pescadora. Sente falta, sobretudo, da lagoa que lhe dava o sustento

Mariza do Amor Divino, 60, acordou apressada de madrugada para ir a uma consulta médica. A roupa lavada no dia anterior precisou esperar no varal, porque já eram 4h40 da manhã, e ela precisava sair rápido. Ela sabia que apenas os 20 primeiros a chegar ao hospital são atendidos. Ainda de manhã, esperando pela consulta, o celular tocou. Era a vizinha ligando para dar a notícia: “Mariza, derrubaram sua casa”.

Numa sexta-feira de outubro de 2015, a Prefeitura do Rio pôs abaixo a casa, a história e a esperança de Mariza de permanecer no local onde chegou havia 34 anos para viver: a Vila Autódromo, comunidade situada ao lado do Parque Olímpico e à beira da lagoa de Jacarepaguá.

A guarda municipal chegou cedo, bloqueou a passagem dos moradores, e os tratores derrubaram mais cinco casas construídas à beira da água. Ninguém se deu o trabalho de avisar Mariza que a casa onde morava seria destruída naquela manhã.

Quando os funcionários entraram, encontraram no varal as roupas; na mesa, os remédios que Mariza toma para diabetes e depressão. Debaixo do tapete, eles não sabiam, mas havia uma economia em dinheiro. Os móveis foram levados para um depósito na Prefeitura. Roupas, remédios e dinheiro são coisas de que Mariza precisa todos os dias – e nunca mais conseguiu recuperar.

Sua trajetória de vida, construída naquele pedaço de terra, ficou debaixo dos escombros. O terreno de pedregulhos e árvores derrubadas é um lugar o qual é difícil voltar a encarar com os próprios olhos, mesmo na companhia da fotógrafa que se tornou uma amiga.

“Meu Deus do céu. Eu entrei ’em parafuso’ quando soube. E minhas coisas? Meu raio-X de coluna? Eu estou com minha coluna comprometida e minha papelada estava toda lá”, preocupou-se Mariza, que havia feito uma cirurgia no cóccix dois meses antes e se prepara para uma segunda, dessa vez na coluna.

Sem remédios, ela precisou de socorro rápido para não passar mal, por causa da diabetes e da depressão. Por não ter família, Mariza perdeu

Mariza do Amor Divino and the clothes line left waiting for compassion

Mariza do Amor Divino, 60, woke up at dawn in a rush to go see a doctor. The clothes she washed the day before would have to wait on the clothes line because it was already

4:40 am and she had to leave in a hurry. She knew that only the first twenty people to arrive at the hospital would get an appointment. Later that morning, while waiting to see the doctor, her cell phone rang. It was her neighbour calling to give her the news: “Mariza, they demolished your house”.

One Friday in October 2015, the City of Rio destroyed Mariza’s house, her past and her hopes of staying in the place where she had gone to live 34 years earlier: Vila Autódromo, the community located beside the Olympic Park and on the banks of the Jacarepaguá lagoon.

The municipal police arrived early in the morning and blocked residents’ access to the area, while the tractors knocked down another five houses built near the water. No one took the time to warn Mariza that the house she was living in would be demolished that morning.

When the employees went inside, they found clothes on the line and the medicine Mariza took for diabetes and depression on the table. They did not know that her savings were hidden under the carpet. The furniture was taken to one of the municipality’s warehouses. Clothes, medicines and money are things that Mariza needs everyday – and that she never managed to recover.

The life that she had built on that piece of land were buried under the rubble. It is

abrigo na vizinha Maria da Penha. A idosa não tinha mais a quem pedir auxílio, pois não tem filhos nem familiares próximos.

difficult to go back to look at an area that is now full of stones and fallen trees with one's own eyes, even in the company of the photographer who became her friend.

"Oh my God. I went numb when I found out. What about my things? The x-ray of my back? I have back problems and all my papers were in there", Mariza exclaimed. She had undergone surgery on her tailbone two months earlier and was getting ready for a second operation, this time on her back.

Without her medication, she needed to find help fast to avoid getting sick because of her diabetes and depression. Mariza asked her neighbour Maria da Penha for shelter. The elderly woman did not have anyone else to ask, as she did not have any children or close family.

Mariza stayed with Maria da Penha until March 8th, 2016 - the day when her neighbour's house was also demolished. Days before Penha was evicted, Mariza went up on her neighbour's roof and, speaking softly to herself, said goodbye to the lagoon that had given many people their livelihood, and even abundance, for many years. This was the third eviction she was going through.

Three times homeless. Before her life was turned into rubble, Mariza worked as a housekeeper in Vila Autódromo. The owner of the property paid her the equivalent of one minimum wage per month for her services. The municipality had made an offer to the owner in exchange for the house, but the owner did not think the amount offered was enough. As a precaution, the owner gave away his belongings. Mariza continued staying there and began to take care of the place.

Fate led Mariza to go to work precisely on the piece of land from which she was evicted for the first time. When she arrived in the community 34 years ago, she set up a shed on the edge of the lagoon in which she would go fishing every day in the wee hours of the morning.

Mariza morou na casa de Penha até o dia 8 de março de 2016, data em que a casa da vizinha também foi demolida. Dias antes da remoção de Penha, Mariza subiu até a laje da casa da vizinha e se despediu falando baixo e sozinha da lagoa que por muito tempo deu sustento e fartura a tanta gente. Era a terceira remoção a ser enfrentada.

Três vezes sem-teto. Até ver sua vida destruída em escombros, Mariza trabalhava como caseira na Vila Autódromo. Por esse serviço, recebia por mês um salário mínimo do dono da propriedade. A Prefeitura fez uma oferta a ele em troca da casa, mas o dono não achou justo o valor oferecido. Por precaução, o dono da casa doou seus pertences. Mariza foi ficando e passou a cuidar da propriedade.

Quis o destino que Mariza fosse trabalhar justamente no pedaço de terra de onde foi expulsa pela primeira vez. Quando chegou à comunidade, há 34 anos, montou um barraco à beira da lagoa, local onde pescava toda madrugada.

"Eu fui a primeira a chegar, como pescadora. Clareava o dia eu tinha que sair correndo para vender. Se não, perdia o peixe todo", relembra. A pescadora ficava na lagoa até as 2h, 3h da madrugada. Muitas vezes sequer dormia. Às 6h empurrava o carro de mão para vender peixe, em uma época sem energia elétrica nem geladeira para refrigerar.

Certo dia chegaram pessoas estranhas, e ela foi expulsa do barraco onde morava. "Como eu não tinha marido, morava sozinha, chegaram uns camaradas e tomaram o terreno, venderam para outros, que venderam para outros", relembra Mariza.

Ela narra momentos de violência na expulsão. "Me bateram, me

chutaram, pegaram o meu terreno”, detalha. Foi abrigada por outros pescadores, em um barraco próximo, mas a pesca foi minguando, à medida que avançava a poluição na lagoa. “Eu fui ficando por aqui, porque aqui era meu mundo, era minha vida. Eu dependia da lagoa para sobreviver”. Migrando de casa em casa, Mariza se tornou caseira por ofício.



Eles viram a roupa no varal. Sabiam que tinha morador. Os remédios, poderiam ter deixado com uma vizinha. ‘Olha, vou deixar aqui com vocês. Quando ela chegar, entreguem a ela’. Eles não podiam ter feito isso.

Décadas depois da primeira expulsão, a moradora da Vila Autódromo se viu de novo sem ter para onde ir. “Minha casa está sendo derrubada duas vezes. Muito duro. Caramba!”, constata Mariza, antes de um silêncio que ecoa forte até hoje. A moradora tinha esperança de compaixão de quem executou a derrubada da casa.

“Eles viram a roupa no varal. Sabiam que tinha morador. Os remédios, poderiam ter deixado com uma vizinha. ‘Olha, vou deixar aqui com vocês. Quando ela chegar, entreguem a ela’. Eles não podiam ter feito isso”, argumenta, imaginando como os executores da truculência poderiam ter agido. Da piedade só restou a expectativa, transformada na realidade da crueza do ato dos escombros.

O juiz que decidiu pelo trator que procurasse saber que ali morava uma senhora em suas primeiras aulas de inglês. Seria o motorista do trator a sair recolhendo o material de estudo antes de transformar tudo em pó entulhado, como esperava Mariza? “Engraça-

“I was the first one to arrive, as a fisherwoman. As soon as it started getting light out, I had to run out to sell the fish. If not, it would all go bad on me”, she recalled. The fisherwoman would go out on the lagoon at 2, 3 in the morning. She often did not even sleep. At 6 am, she would begin pushing her cart around to sell fish, as back then, there was no electricity or refrigerator to keep it refrigerated.

One day, some strangers arrived and evicted her from the shed she lived in. “As I did not have a husband, I lived alone. Some people came and took over the land. They sold it to others, who sold it to others”, Mariza recalled.

She tells us about the moments of violence during the eviction. “They beat me, kicked me, took my land”, she explained. She was taken in by other fishermen in a shed nearby, but the number of fish declined as the pollution in the lagoon increased. “I stayed around here because this was my world. It was my life. I depended on the lagoon to survive”. Moving from one house to another, Mariza became a professional housekeeper.

Decades after her first eviction, the inhabitant of Vila Autódromo found herself once again with nowhere to go. “My home is being destroyed for a second time. It’s so hard. Darn it!”, Mariza exclaimed before falling into a silence that echoes strongly even today. The resident had expected some compassion from the

do. Eles falam tanto de violência. E eles são tão violentos. O dinheiro que eu tinha para eles é nada, mas para mim é muita coisa. Eu economizei. Nem todo remédio o hospital me dá. Então eu tenho que ter minhas economias. Tá agora debaixo da terra. É difícil”, arremata.

ones who demolished her house.

“They saw the clothes on the line. They knew that someone was living there. They could have left my medicine with a neighbour. ‘Look, I am going to leave these with you. When she gets here, give them to her’. Couldn’t they have done that?“, she argued, as she imagined what the ones who executed the cruel act could have done. From the mercy she was hoping for, only the brutality of the act that reduced her life to debris remained.

Would the judge that authorised the tractor be the one who should have tried to find out that a woman taking her first English classes lived there? Would the driver of the tractor be the one to go around gathering up her class material before turning it into dust and rubble, as Mariza had hoped? “It’s funny. They talk a lot about violence and they are so violent. The money I had isn’t much for them, but for me, it’s a lot. I saved up. The hospital does not give me all the medicine I need. So, I have to have my savings. Now, it’s all buried under earth. It’s hard to bear”, she concluded.

Nearby, the machines from the construction site of the Olympic Park did not take the time to observe a minute of silence to mourn yet another life turned into rubble and covered in dust in Vila Autódromo. The next day, the plywood fences moved towards the community ping-pong table built by the residents themselves. In November, it too was destroyed. Will the best table tennis players in the world competing at the Riocentro very close to there hear the story of the ping-pong table destroyed in the name of the Olympic Games?

From October 2015 to March 2016, Mariza had no home to call her own. In April, the City of Rio took Mariza to live at the Colônia Juliano Moreira building, 6.6 km from Vila Autódromo. When asked about her old place, Mariza prefers not say much. She would rather avoid the sadness that comes when someone touches on the issue.

In the countdown to the Olympics, there is no time or pity to lose on an elderly woman

Ao lado, as máquinas na obra do Parque Olímpico não fizeram minuto de silêncio em luto por mais uma vida transformada em entulho, encoberta por poeira na Vila Autódromo. Os tapumes avançaram, no dia seguinte, em direção à mesa de pingue-pongue comunitária construída pelos próprios moradores. Em novembro, ela também foi destruída. Bem perto dali, os melhores mesa-tenistas do mundo a competir no Riocentro conhecerão a história da mesa de pingue-pongue posta abaixo em nome dos Jogos?

Mariza ficou, de outubro de 2015 a março de 2016, sem um teto para chamar de seu. Em abril, a Prefeitura do Rio levou Mariza para morar na Colônia Juliano Moreira, a 6,6 km da Vila Autódromo. Perguntada sobre a antiga morada, ela prefere não falar muito. Opta por não se entristecer ao tocar no assunto.

Na contagem regressiva para a Olimpíada, não há tempo nem piedade a perder com a idosa sem remédio, sem carpete para juntar dinheiro, sem livro de inglês, sem “parede para se encostar”, tal qual José, do poeta Carlos. Uma vida sem varal para pendurar roupa.

without her medicine, her carpet to save money under, English books, or “a wall to lean on”, just like José in the poem by Carlos Drummond de Andrade. A life left with no clothesline to hang clothes on.

O maracá de Mônica dita o ritmo das resistências que nunca emudecem

Texto: Thiago Mendes • InstitutoPACS

Fotos: Anette Alencar

A indígena Mônica Lima escolheu a resistência como expressão da identidade que ecoa na aldeia da cidade feroz.







Seria pedir demais que Mônica Lima contasse sua história sem falar

Mônica Lima's maraca dictates the rhythm of resistance that will never be silenced

It would be too much to ask Mônica Lima to tell her story without talking about the years of activism she has accumulated in the various fronts in which she participates. An indigenous woman from the Manaú ethnic group of the Arawak people, she has worked for 21 years as a health professional at the Hospital Universitário Pedro Ernesto (Pedro Ernesto University Hospital). She also worked as an educator in the prison system until October 2014, when she was removed from her position by a politically motivated decision. From the defence of the right to health and the indigenous cause to the fight for a less punitive society, the activist's past is full of stories marked by the steamroller working for the interests of the city of mega events.

Mônica learned about the indigenous cosmology - respect for the Earth, the influence of water in the cycles of life, collective experience, among other things - from her people at the Aldeia Maracanã (or Maracanã Village) and her grandfather. "I am an Indian living in an urban setting. I don't live in the villages, even though I sometimes go there. My grandfather was a village Indian who was brought to the city to work. I did not live with him much, but I remember some things: his great respect for life, the prayers during the rituals, his respect for animals. One of the things I learned from him was that it is not human beings that are at the centre of this Eurocentric culture. All living things have rights", Mônica recalled.

Aldeia Maracanã is the indigenous village located next to the stadium that hosted the 2014 World Cup final. There, the government has let the old Museu do Índio (Museum of Indian Culture), built in 1862, fall into ruin. In the village, the sound of maracas brought the ancestry dormant within Mônica to life. Maracas imitate the sound of birds and connect the village with

da militância acumulada nas diversas frentes que encampa. Indígena da etnia Manaú, do tronco Arawak, ela atua há 21 anos como profissional de saúde no Hospital Universitário Pedro Ernesto e foi educadora do sistema prisional até outubro de 2014, quando foi afastada por uma decisão de cunho político. Do direito à saúde à causa indígena, passando pela luta por uma sociedade menos punitivista, a trajetória da militante reúne histórias marcadas pelo rolo compressor dos interesses da cidade dos megaeventos.

A cosmologia indígena — o respeito à terra, a influência da água nos ciclos da vida, a experiência em comum, entre outras coisas — Mônica aprendeu na vivência em torno dos seus, na Aldeia Maracanã, mas também com seu avô. "Sou uma índia num contexto urbano. Não vivo aldeada, apesar de às vezes estar nas aldeias. Meu avô foi um índio aldeado trazido para a cidade para trabalhar. Eu tive pouca vivência com ele, mas eu me lembro de alguma coisa: um respeito muito grande pela vida, as rezas nos rituais, todo esse respeito com animais. Uma das coisas que aprendi com ele é que não é o ser humano que é o centro dessa cultura eurocêntrica, todos têm os seus direitos", compartilha Mônica.

Na aldeia situada ao lado do estádio da final da Copa de 2014, onde os governos deixaram perecer o antigo Museu do Índio, construído em 1862, o som dos maracás fez ecoar ancestralidades adormecidas em Mônica. O maracá imita o som dos pássaros e conecta a aldeia com a espiritualidade dos antepassados

que debaixo daquela terra repousam, segundo é a crença comum.

O canto dos pássaros e o instrumento são igualmente sagrados para os indígenas, e por isso ela faz questão de exibir nas fotos os sons que sempre o acompanham na bolsa e na militância. "O maracá é coletivo,

é de todos, não tem dono. Nos rituais, ele passa por todos que estão na roda. A nossa cultura é muito circular”, detalha ela.

Maraca’na, segundo Mônica, significa um “maracá coletivo”, sentido muito distante do que é o estádio, embora, olhado de cima, ele imite o desenho de um grande maracá. O Maracanã já não é mais nosso, nem de fanáticos e fanáticas por futebol. Não há mais “geral”, nem vendedores ambulantes nas arquibancadas. Depois de receber do governo do estado o direito de administrar o estádio, os novos donos do Maracanã decidiram não dividir mais espaço com os índios, que haviam retornado, em 2006, ao local onde estão enterrados seus ancestrais, decisão tomada depois de um congresso indígena.

Na investida da polícia, em janeiro de 2013, a Aldeia resistiu; em 22 de março, com uso de spray de pimenta, bombas de gás lacrimogêneo, bombas de efeito moral e até uma arma sônica, que causava dores nos ouvidos, os aldeados foram retirados à força. A notícia da truculenta ação da polícia militar correu o mundo, com a imagem-símbolo da indígena Mônica Lima indignada diante de um policial impassível. “Nesse dia, levei choque da polícia, eles usaram spray de pimenta, bala de borracha. Havia crianças e idosos. As crianças saíram dali e tiveram de ser internadas”, denuncia.

Passada a Copa das Confederações, em agosto de 2013, o então governador Sérgio Cabral permitiu o retorno dos aldeados, que se dividiram entre os que optaram por deixar a aldeia — e viver em um apartamento financiado pelo Minha Casa Minha Vida — e os que ficaram. “Hoje eles reclamam muito por não conseguirem viver a cultura, por não conseguirem pagar o aluguel, luz, gás, por serem recriminados”, detalha Mônica. Aos que resistiram, como ela, resta o constrangimento de ser impedido pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), desde o fim de

the spiritual practices of their ancestors who, according to a common belief, are resting under the ground there.

For indigenous people, bird songs are equally as sacred as this instrument. That is why she makes a point of showing her maracas in photographs to indicate the sounds that always accompany her in her bag and in her work as an activist. “Maracas are collective. They belong to everyone and don’t have an owner. In the rituals, they are passed around to everyone in the circle. Our culture is very circular”, she explained.

Maraca’na, according to Mônica, means “collective maraca”. This meaning is very distant from what the stadium is now. When viewed from above, it imitates the shape of a large maraca. Maracanã is no longer ours, nor of soccer fans. There is no longer anything “general” about it - not in the stands, nor the street vendors outside. When the state government passed the management of the stadium over to the Maracanã’s new owners, they decided not to share the space with the indigenous people anymore. In 2006, these people returned to their ancestors’ burial site, following a decision made after an indigenous congress was held.

In January 2013, the Aldeia resisted a police attack. On March 22nd, the police used pepper spray, tear gas, moral effects gas and even a sonic weapon that causes earaches on the villagers whom they forcefully removed from the village. The news of the military police’s brutal actions spread rapidly around the world, with the symbolic image of an angry indigenous woman confronting an impassive police officer. This woman was Mônica Lima. “That day, I was shocked by the police. They used pepper spray, rubber bullets. There were children and elderly people there. The children left there and had to be hospitalised”, she denounced.

junho de 2016, de entrar na Aldeia para manter os rituais.

Além disso, grande parte dos 14.500 m² da Aldeia estão ocupados pelo asfalto de um estacionamento e por uma cerca que avança em direção às árvores, como o jenipapo, embaixo do qual são realizadas as rezas em volta da fogueira. “A gente não quer asfalto. A gente quer ligação com a terra. O museu precisa ser restaurado. A nossa oca está lá dentro e infelizmente os policiais estão defecando dentro da oca. Nossas barracas, nosso artesanato foi roubado. Nossa biblioteca, com obras raras, foi destruída. Botaram fogo. Inquisição. O choque botou fogo nos nossos livros. Me dói, me emociona até de falar”, descreve antes do silêncio.

Once the Confederations Cup was over in August 2013, Sérgio Cabral, the state governor at the time, allowed the villagers to return to their homes. The villagers were divided between those who chose to leave the village and live in an apartment paid for by the *Minha Casa Minha Vida* (My House My Life) programme, and those who decided to go back. Mônica reported that “now, they complain a lot about not being able to live their culture and pay rent, electricity or gas because they suffer discrimination”. As for those who resisted, such as Mônica, there is still the constraint of not being allowed to enter the Aldeia to perform their rituals imposed by the International Olympic Committee (IOC) in late June 2016.

Furthermore, a large proportion of the village’s 14,500m² is covered by the pavement of a parking lot and a fence that is expanding towards the trees, including the Jenipapo tree under which they carry out their prayers around a fire. “We don’t want pavement. We want a connection with the earth. The museum needs to be restored. Our hut is in there and unfortunately, the police officers are defecating in it. Our tents, our craftwork were stolen. Our library, with rare works, was destroyed. They set it on fire. Inquisition. The shock troop set our books on fire. It hurts. I get emotional just talking about it”, she stated before falling into silence.

The strangling of the Aldeia Maracanã - a group offering political training based on indigenous self-management and way of life, as Mônica describes it - is suffocating the educator’s identity. She argues that “we were a laboratory of resistance. In addition to us having a museum and actively working to revive our culture, through our presence, we were a popular indigenous intercultural university. That is why were attacked right away”. Mônica always talks about how she had a very strong “feeling of emptiness” before she discovered indigenous culture, even while living in a large urban centre. “The feeling

O estrangulamento da Aldeia Maracanã, um grupo indígena de formação política, autogestão e vivência, conforme descreve Mônica, é o sufocamento da própria identidade da educadora. “Nós éramos o laboratório da resistência. Além de sermos um museu e estarmos resgatando nossa cultura, de maneira viva, com nossa presença, nós éramos uma universidade popular intercultural indígena. Por isso fomos logo atacados”, explica ela. Mônica conta sempre ter vivido um “vazio muito grande” antes de descobrir a cultura indígena, mesmo vivendo num grande centro urbano. “E o vazio era maior porque os princípios na cidade, do capitalismo, são totalmente diferentes dos nossos princípios indígenas. A gente vive num outro tipo de sociedade”, descreve.

A fala de Mônica segue o ritmo de sua cultura, em círculos difíceis de organizar num texto curto e linear como este. Em agosto de 2014, depois de a Justiça mandar prender vários militantes às vésperas da final da Copa do Mun-

do, a luta dela se cruzou com a perseguição institucional. Mônica par-

ticipou de uma vigília na frente do presídio, em Bangu, para onde os militantes foram levados, e desde então sua vida como educadora prisional virou um inferno. “Os agentes e policiais da guarita foram me abordar e questionar o fato de eu ser professora e participar da manifestação. Foram me fotografar no restaurante e a partir daí comecei a sofrer esse processo de assédio e perseguição”, detalha.

Mônica batalha pela restituição de suas funções como educadora prisional e para isso ela pede apoio por meio de petição on-line direcionada à secretaria estadual de educação [Assine em <http://bit.ly/29YYRac>]. Antes mesmo do afastamento, ela relata ter vivido cer-



Eu sou isso. Eu sou verdadeira. Até minha forma de vestir já é uma militância, já é uma resistência. E realmente eu não me deixo escravizar, eu não me deixo perseguir. Ninguém nunca vai conseguir me calar.

ta perseguição étnica, por ser índia, e por sua proposta pedagógica com os encarcerados. “Os professores como um todo já são perseguidos, e a gente tem que questionar isso dentro do sistema, porque nós somos libertadores, e eles são repressores. A maioria das pessoas que está nos presídios não deveria estar. É mais uma vez um processo de luta de classe. Quem está ali é preto, negro, pobre. Sem falar no que é a Justiça hoje. Muitos estão ali sem que seus processos fossem julgados”.

Nas várias lutas de Mônica, cabe ainda o grito de dignidade por saúde. Ela segue na defesa do Hospital Pedro Ernesto, agonizando sem os repasses estaduais, e encampou a luta dos moradores de Santa Cruz, sufocados pelo pó que mata emitido pela Companhia Siderúrgica do Atlântico (TKCSA). Mônica estudou como pesquisadora os impactos na saúde gerados pela siderúrgica e, por isso, chegou a ser processada pela empresa.

of emptiness was greater because the principles of the city, of capitalism, are totally different from our indigenous principles. We live in another kind of society”, she explained.

Mônica’s account follows the rhythm of her culture: in circles that are difficult to organise into a short and linear text like this one. In August 2014, after the court ordered the arrest of several activists days before the World Cup final, her struggle crossed paths with institutional persecution. Mônica participated in a vigil held outside the prison in Bangu where the activists had been taken. Since then, her life as a prison educator has been hell. “The police agents and guards came up to me and questioned the fact that I was a professor and was participating in the protest. They took pictures of me in the restau-

rant and that is when I began to suffer harassment and persecution”, she noted.

Mônica fights to get her job back as a prison educator and, for this, she is asking for support for an online petition addressed to the state department of education [Sign at: <http://bit.ly/29YYRac>]. Even before she was removed from her position, she recalls having experienced a certain amount of persecution for being indigenous and due to her educational approach to her work with prisoners. “All professors are persecuted and we have to question this in the system, because we are the liberators and they are the repressors. The majority of the people who are in prison shouldn’t be there. And again, this is a class struggle. The ones in there are black and poor. And that’s not to mention what the justice system is like today. Many in there have not had their cases heard in court”.

In the numerous struggles in which Mônica is involved, there is still room for the call for dignity in health. She continues to defend the Pedro Ernesto Hospital, which is suffering without the state transfers. She also got involved in the struggle of the people from Santa Cruz, who are suffocating from the lethal dust emitted by ThyssenKrupp CSA’s steel mill. As a researcher, Mônica studied the steel mill’s impacts on health and, because of this, she was sued by the company.

“This is who I am. I’m genuine. Even the way I dress is a form of activism, resistance. And I truly do not let anyone enslave me. I don’t let anyone persecute me”, Mônica stated. In the heart of this mother of three children, one of which she took in for adoption, there is always room for a just cause. “No one will ever be able to silence me”.

Though we have been referring to her as Mônica, we will now say our goodbyes using her indigenous name: Tripuíra Kuaray, or the bird who sings at dawn. Inside this educator and indigenous activist who is only short in height, there is a tiny bird who flies high in the sky and whose song echoes the dreams she awakens at daybreak - dreams that will never sleep again.

“Eu sou isso. Eu sou verdadeira. Até minha forma de vestir já é uma militância, já é uma resistência. E realmente eu não me deixo escravizar, eu não me deixo perseguiu”, demarca Mônica, mãe de três filhos, um deles abraçado pela adoção. No coração de Mônica há sempre lugar para uma causa de justiça. “Ninguém nunca vai conseguir me calar”.

Chamando-a sempre de Mônica, despedimo-nos aqui dela pelo seu nome indígena: Tripuíra Kuaray, ou o pássaro que canta o amanhecer. Na baixa estatura da educadora e militante indígena voa alto um pássaro pequenininho, fazendo ecoar sonhos despertos no amanhã—e que jamais vão adormecer.

Tristezas e doçuras de Rita Barbosa entre canteiros de hortaliças e obras

Texto: Thiago Mendes • InstitutoPACS

Fotos: Anette Alencar

A agricultora Rita Barbosa
revolve tristezas e semeia
doçuras na terra sobrevivente
em meio ao asfalto.





Rita foi pressionada a trocar a horta onde vivia por uma casa condenada pela Defesa Civil



Feirante de orgânicos, Rita cultiva saúde na cidade que nega a força da agricultura de quintais e hortas urbanas

- Alan, a máquina está aqui dentro.
- Não, mãe, é ali na obra.
- Não, meu filho, é aqui dentro.

Poderia ser um pesadelo, mas era tudo muito real. Rita Barbosa de Souza, 59, levantou-se correndo, abriu o basculante da janela e viu quando os tratores começaram a destruir tudo que encontravam pela frente. O diálogo com o filho, a data e o horário do início da cena de terror, 11 de junho de 2012, 7h da manhã, não há tempo que faça tirar da memória. As máquinas avançaram, em poucos minutos, sobre a casa e a horta na Colônia Juliano Moreira, Zona Oeste do Rio. Começava ali, o calvário da agricultora em sua luta pelo direito ao cultivo da terra em uma cidade marcada, desde então, pela maior leva de remoções forçadas de sua história.

Muita gente viu quando as coisas de Rita foram arrastadas para a rua naquela manhã, enquanto os engenheiros seguiam o trabalho de medição do terreno. Um deles tentava explicar: “Acabou o prazo para a senhora sair”. Nada fazia sentido para Rita. Na noite anterior, ela tinha ido à Prefeitura, de onde saiu com a promessa de que receberia uma casa com espaço para plantar em troca da horta de 300 m² em que morava na Colônia desde 2007.

“Eles falaram que tinham comprado uma casa, que iam fazer obra nela e, quando ela tivesse condições de moradia, eles iriam me tirar de lá [da horta]. Eu assinei o papel. Eu saí da Prefeitura de noite, cheguei aqui às 11h, fiz janta, tomei banho e fui dormir. Quando foi de manhã, 7h, acordei com o barulho da máquina. A máquina entrou dentro da horta, quebrou tudo, não deu tempo arrumar móveis... Quebraram guarda-roupa... Derrubaram com tudo”, relembra.

Dona Rita plantava de um tudo em sua horta, vingada à base de seleção das melhores sementes e de cuidados que dispensam agrotóxi-

Tenderness remains in the garden where Rita goes to cure her sorrows

- Alan, there are tractors in the building.
- No, Mom, they're over there in the construction site.
- No, son, they're in here.

This could have been a nightmare, but it was all very real. 59-year-old Rita Barbosa de Souza jumped out of bed, opened the window and saw when the tractors began destroying everything in their path. Nothing will ever erase from Rita's memory the conversation with her son, and the date and time the horror scene began: 7 am on June 11th, 2012. In only a few minutes, the machines advanced on the house and the garden in the Colônia Juliano Moreira neighbourhood on Rio's west side. That is where the suffering began in this woman farmer's fight for the right to farm in a city marked, since then, by the biggest wave of forced evictions in its history.

Many people saw Rita's belongings being dragged out on the street that morning, while engineers continued measuring the terrain. One of them tried to explain to her, “The time you had to leave is over”. Nothing was making any sense to Rita. The night before, she had gone to City Hall and she left with the promise that she would be given a house with space to plant in exchange for the 300 m² garden in which she had been living in Colônia since 2007.

“They said that they had bought a house, that they were going to fix it up and when it was fit to live in, they would take me out of there [the garden]. I signed the paper. I left City Hall that night, got home at 11 pm, made dinner, took a bath and went to bed. I woke up at 7 am to the noise of a tractor. It entered the garden, broke everything. I didn't have time to move the furniture... They broke the wardrobe... They knocked everything down”, she recalled.

cos. Somente coqueiros eram 35. Quase 30 tipos de árvores frutíferas e de ervas medicinais eram cultivados nos canteiros de Rita, cuja produção foi estimada em R\$83 mil (sem contar as correções monetárias)

Rita used to plant a little bit of everything in her garden, which she grew by selecting the best seeds and with no agrochemicals. The number of coconut trees alone totalled 35. Almost 30 different kinds of fruit trees and medicinal herbs were grown in Rita's rows. Her produce was estimated at R\$83,000 (and that is before adjustments are made for inflation) according to the report submitted in the Public Defender Office's case against the City of Rio on the eviction. The case has been in court for three years now.

All the farmer could do was gather up her things in the middle of the street and go to start her life over in the house the municipal government had promised her. Rita found the house in ruins. It was full of garbage, old clothes and debris and totally unfit to live in. The promise to renovate it has never been fulfilled. Even today, when it rains, she has to fill the house with pails and pans and cover her furniture and herself with a garbage bag in order to sleep. When it storms, she has to look for somewhere else to sleep. This year, the municipal Civil Defence condemned the house due to the risk of collapse.

"If I am a farmer and I live off the land, they had to buy me a plot of land, and not do what they did to me. I was being fooled the whole time. If I had seen this here, I surely would not have accepted", she argued. She showed us the holes in the wall of her new home, one of which is about to fall down, and the termite-invested wood beams. In addition to putting her life at risk, one of the biggest problems with the new house is that there is little room to grow a garden, which is how Rita makes a living.

The City of Rio de Janeiro's Master Plan states that 100% of the city's area is urbanised. However, in the metropolis, there are many people who produce chemical-free food in their backyards and urban gardens and are planting

pelo laudo que consta no processo movido contra a Prefeitura do Rio pela Defensoria Pública, por causa da remoção. O processo está há três anos na Justiça.

Restou à agricultora juntar as coisas no meio do asfalto e ir recomençar a vida na casa prometida pela Prefeitura. Rita encontrou uma tapera cheia de lixo, roupas jogadas e entulho, sem condições de habitação. A promessa de reforma nunca foi cumprida. Até hoje, quando chove, ela precisa encher a casa de baldes e panelas, além de cobrir os móveis e o corpo com um saco plástico para dormir. Em dias de temporal, Rita tem de buscar outro teto para dormir. Neste ano, a Defesa Civil do município condenou a construção por risco de desabamento.

"Se eu sou agricultora, e vivo da terra, eles tinham que comprar um terreno para me dar. E não fazer o que fizeram comigo. Em todo momento, eu fui enganada. Se eu tivesse visto isso aqui, com certeza eu não tinha aceitado", detalha, mostrando os buracos nas paredes de sua nova moradia, uma delas prestes a cair, e uma ripa de madeira comida pelo cupim. Além do risco de vida, um dos maiores problemas da nova casa é o pouco espaço para a horta, de onde Rita tira o sustento.

O plano diretor do Rio de Janeiro anota que a cidade está 100% em perímetro urbano, mas na metrópole há, sim, muitos quintais e hortas urbanas produzindo sem veneno, semeando vida e saúde em circuitos curtos de produção e feiras agroecológicas. Rita é feirante e tira R\$50 a R\$100 por dia de trabalho. Muito pouco se

comparado ao que conseguia produzir quando tinha sua horta.

Ela chegou ao terreno de onde foi expulsa em 2007, por meio de um projeto chamado "Guardiões do Rio", de limpeza dos rios da ci-

dade. O projeto previa a existência de uma horta em cada comunidade onde houvesse um “guardião”. Ninguém sabia semear a terra na área da Colônia. Rita, criada em uma fazenda em Olinda (PE), disse “eu sei” e recebeu o direito de viver por lá. Tudo acertado sem papel assinado. Vieram as obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), e a agricultora foi pressionada a deixar para trás coqueiros, galinhas e hortaliças. No terreno foi construído um prédio que é base para os funcionários da Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb).

No primeiro dia de remoção, Rita não se segurava em pé. “Eu olhava e só via a máquina destruindo tudo. Você imagina você ter um sonho, levar anos preparando aquilo que você quer para sua vida, e de repente vem alguém e te tira tudo. Foi o que aconteceu”, lembra. As consequências mais doloridas vieram em seguida: problemas de coração, pressão, diabetes. Até a ideia de tirar a própria vida surgiu. Foi salva pelo abraço de amigos e amigas, especialmente os da Vila Autódromo, para onde a sanha das remoções se voltaria com toda força no ano seguinte.

“Eu fui a primeira da região a ser removida. Foi começar comigo e terminar na Vila Autódromo”, aponta Rita. Ela conta que tantas outras agricultoras e agricultores da Colônia tiveram de sair quando chegou a obra da Transolímpica, uma linha expressa entre o Recreio e Deodoro com faixa exclusiva de Bus Rapid Transport (BRT). A obra foi inaugurada em julho de 2016, e um viaduto em Curicica apresentou problemas dias depois.

“Quantas pessoas não foram removidas por causa da Copa, dos Jogos Pan-Americanos, para passar essa Transolímpica? Eles chegam, acabam com a vida das pessoas, não querem saber se você tem do que viver. Eles arrancam você daquele local e jogam você dentro de uma casa de três paredes, pequena. Que cidade é essa? A cidade é feita para o povo?

life and health for local production circuits and for agroecological markets. When Rita works in a market, she earns between R\$50 and R\$100 a day. This is very little when one compares to what she made when she produced in her own a garden.

Rita came to the place from which she was evicted in 2007 through a project called “Guardiões do Rio”, or “Guardians of Rio”, whose goal was to clean the city’s rivers. The project planned to establish gardens in every community that had a “guardian”. No one in Colônia knew how to grow food. Raised on a farm in Olinda (PE), Rita said “I do” and won the right to live there. Everything was settled without signing any papers. But then, the works of the Growth Acceleration Programme (PAC, for its acronym in Portuguese) arrived in the area and the woman farmer was forced to leave behind her coconut trees, her chickens and her vegetables. The building that was built on the land is now used by the employees of the municipal enterprise responsible for city cleaning, Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb).

On the first day of the eviction, Rita could barely stand up. “I would look and all I could see was the machines destroying everything. Imagine having a dream, spending years preparing what you want for your life and, all of a sudden, someone comes and takes it all away from you. That is what happened,” she remembered. The most painful consequences appeared shortly after: heart problems, high blood pressure and diabetes. Even the thought of taking her life crossed her mind. She was saved by her friends, especially those from Vila Autódromo, which is where the fury of the evictions would be released in full force the following year.

“I was the first region to be evicted. They started with me and ended up in Vila Autódromo”, Rita pointed out. She tells how many other

Não é. A cidade não é feita para a gente. O pobre nessa cidade não tem lugar. Eles fazem o que querem com as pessoas. Jogam em qualquer lugar”, analisa.

farmers from Colônia had to leave when the works began on the Transolímpica expressway between Recreio and Deodoro, with an exclusive lane for Bus Rapid Transport (BRT). The expressway was inaugurated in July 2016 and days later, problems with an overpass in Curicica were reported.

“How many people have been evicted because of the World Cup, the Pan-American Games and the Transolímpica expressway? They come, destroy people’s lives and don’t care if you have a way to make a living or not. They tear you away from your place and stick you in a small house with three walls. What kind of city is this? Is this city made for the people? No, it’s not. The city is not for us. The poor have no place in this city. They do what they want with people - discard them anywhere they see fit”, she observed.

In the battle against the injustices of the eviction, as the verses of Brazilian singer Fagner say, Rita buries her sorrows everyday between the rows of her neighbour’s garden, with whom she shares production and kindness while selling vegetables, peppers and syrups recommended for persistent coughs. Once a modest producer, Rita has become one of the leaders of the Freguesia market on the west side of Rio. The market is a space of resistance and insurgency that is sprouting from urban agriculture, even if it is surrounded by pavement.

On the land cultivated by Rita - and many other farmers from “Rio’s hinterland”, as the region is now known - sustenance blossoms for modest lives filled with meaning by the act of working the soil. Powerful friendships and ties are born from this earth, from Rita’s hands - ones that the rage of the machine will never understand, nor silence.

Na peleja contra a injustiça da remoção, qual os versos de Fagner, Rita esconde todos os dias as tristezas entre os canteiros da horta de uma vizinha, com quem divide a produção e a doçura na venda de hortaliças, pimentas e xaropes recomendados para tosses insistentes. De modesta produtora, Rita se transformou em uma das líderes da Feira da Freguesia, na Zona Oeste do Rio, espaço de resistência e insurgência da agricultura urbana que brota, mesmo cercada pelo asfalto.

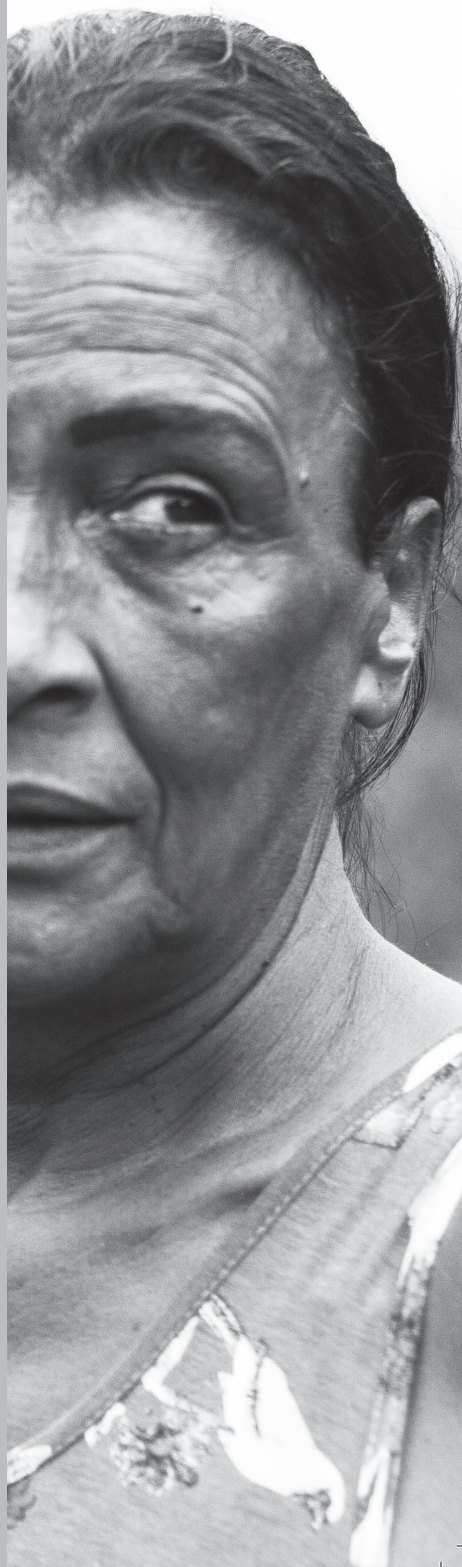
Da terra semeada por Rita – e por tantas agricultoras do “sertão carioca”, como a região ficou conhecida –, brota o sustento para vidas modestas e carregadas de sentido pelo ato de revolver o solo. Nascem desse chão, das mãos de Rita, poderosos afetos e vínculos que a ira da máquina nunca vai poder entender, nem calar.

O céu de incertezas de Suely

Texto: Thiago Mendes • InstitutoPACS

Fotos: Aline Furtado

Suely Campos aguarda voltar a ter espaço para os netos correrem em meio às desconfianças das remoções.





Suely fincou o pé na Vila Autódromo e sonha recuperar o espaço para as travessuras dos netos



Suely Ferreira Campos talvez não imaginasse como toda sua vida se tornaria incerta depois que as escavadeiras chegaram derrubando casa a casa em redor. Ela é moradora da Vila Autódromo, e sua família é umas das 20 incluídas no projeto de urbanização realizado pela Prefeitura do Rio na comunidade, depois de um processo de muita resistência.

Há 22 anos, Suely veio de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, morar na Vila Autódromo com o marido, quando ele foi transferido do emprego. “A mãe dele [do marido] morava aqui. Ela arrumou esse terreno pra gente morar”. Suely lembra quando em 2012 foi fechado o Autódromo, deixando-a “arrasada”. O Autódromo de Jacarepaguá recebeu corridas de Fórmula 1 na década de 1980, e ela trabalhou lá por cinco anos.

Em 2007, vieram as notícias sobre a realização dos Jogos Pan Americanos, e alguns moradores já ficaram preocupados, mas a comunidade respirou aliviada quando as competições acabaram, e eles não foram removidos. O verdadeiro inferno de Suely começou na verdade em uma data posterior, que ela sabe de cor: 27 de março de 2014. Naquele dia, começaram as demolições das casas em redor, onde viviam os primeiros moradores a sair. Os tratores derrubaram a casa de todos os vizinhos imediatos.

Quando a conhecemos, em maio de 2015, do lado esquerdo da casa de Suely, paredes quebradas permaneciam sem portas, janelas, nem moradores – que se foram – uma tática usada pela Prefeitura para pressionar quem resistia a morar em meio a poeira e ao barulho das máquinas. Certo dia, Suely não aguentou mais e também foi embora. Tudo depois de uma negociação injusta e cercada de terror. O futuro dela, do marido, de três filhas e de doze netos foi um horizonte de dúvidas até que finalmente saiu o plano de urbanização.

Suely morava em uma casa à beira da lagoa de Jacarepaguá. No começo, o abrigo da família era um barraco de madeira, que ela foi

Suely under an uncertain sky

Suely Ferreira Campos could not begin to imagine how uncertain her entire life would become after the excavators arrived and began knocking down houses around her one by one. She lives in Vila Autódromo and her family is one of the 20 families included in the urban development project the City of Rio implemented in the community, after a process involving considerable resistance.

Twenty-two years ago, Suely came from Belo Horizonte, the capital of Minas Gerais, to live in Vila Autódromo with her husband, who was transferred to work in Rio. “The mother of my husband lived here. She found this plot of land for us to live on”. Suely remembers when the Autódromo race track was closed in 2012. She was “devastated”. The Jacarepaguá race track hosted Formula 1 races in the 1990s and she worked there for five years.

In 2007, they heard the news about the Pan American Games, which led some residents to worry. The community sighed a breathe of relief again when the games were over and they had not been removed. But for Suely, the real hell started at a later date – one that she knows off by heart: March 27th, 2014. On that day, they began demolishing the houses around them, where the first residents to leave used to live. The tractors knocked down the homes of all of their closest neighbours.

When we met Suely in May 2015, to the left of her home, we found broken walls with no doors, windows nor residents, as they had moved away. This was a pressure tactic used by the City of Rio to force those who resisted to live in the midst of dust and the noise of the machines. One day, Suely decided she could not take it anymore and she also left. This

melhorando aos poucos, à custa de muito trabalho e batalhas contra as enchentes. Ela chegou a ficar dois meses sob o abrigo de vizinhos, quando a lagoa encheu. A casa de Suely era um espaço amplo, mobiliado, com quartos para abrigar filhas e netos, quintal na frente para a brincadeira das crianças e terra para crescer um pé de mamão e outro de romã, que ela mostrava orgulhosa aos visitantes.

all happened after negotiations that were unfair and shrouded in terror. The horizon of the future of Suely, her husband, her three daughters and twelve grandchildren was full of doubts until the urban development plan was finally released.

Suely lived in a house on the banks of the Jacarepaguá lagoon. At first, the family's shelter was a wood shed that she slowly improved. The renovations demanded a lot of work and involved numerous battles against floods. One time, when the water level in the lagoon increased significantly, she had to stay with neighbours for two months. There was ample space in Suely's house. It was furnished, with rooms for her daughters and grandchildren, a front yard for children to play in and land to grow a papaya tree and a pomegranate tree, which she would proudly show visitors.

“Eu nem me vejo me mudando daqui, você acredita?”, confessou Suely, em maio de 2015, como numa profecia. A oferta em dinheiro da Prefeitura não era suficiente para comprar uma casa boa para a família. “Aqui é um lugar sossegado, tranquilo. Um lugar digno, igual aqui, não tem. Já andei essa Curicica, essa Preguiça todinha e não tem um lugar digno, sossegado”, descreve Suely, citando bairros próximos à Vila, onde procurou um novo lar, sem sucesso.



Eu penso que aqui é uma área perto da Barra, uma área valorizada. Então, com certeza, depois que acabar as Olimpíadas isso aqui vai ser tudo prédio. Isso aqui é a galinha dos ovos de ouro.

A região da Barra da Tijuca tem um dos terrenos mais valorizados do Rio, e a especulação imobiliária busca fronteiras vizinhas para expansão, o que encareceu os imóveis. Grande parte do terreno da Vila Autódromo cedeu espaço ao asfalto para a construção de um acesso para veículos e um estacionamento para o Parque Olímpico. “Eu penso que aqui é uma área perto da Barra, uma área valorizada. Então, com certeza, depois que acabar as Olimpíadas isso aqui vai ser tudo prédio. Isso aqui é a galinha dos ovos de ouro”, argumenta Suely.

Suely é de Minas Gerais, lugar de gente que gosta de casa grande, ela conta. “Imagina esse monte de criança, tudo lá dentro do apartamento? Eu vou ficar louca. E eles aprontam. Porque nenhum de-

les é fácil”, diverte-se ela no meio da entrevista interrompida para dar remédio a uma das crianças e impedir uma nova travessura que outra estava aprontando. A Prefeitura ofereceu apartamentos em troca de algumas casas, e muitos moradores foram embora. “Muita gente se arrependeu”, conta Suelly. Muitos descobriram somente depois que o apartamento oferecido em troca da casa era, na verdade, um imóvel financiado pela Caixa Econômica. Se a Prefeitura não pagar as parcelas, a dívida fica com cada um que assinou os papéis. Por causa dos netos, Suelly nunca pensou em se mudar para um apartamento e resolveu fincar o pé.

A filha Priscila também previu, em maio de 2015, que a comunidade resistiria. “Por que eu não sei. Mas eu sinto dentro do meu coração que aqui fica. Alguma coisa dentro de mim diz que aqui fica. Ninguém me falou nada. Eu que estou dizendo”, garantiu. Na memória de Priscila, hoje mãe de três filhos, está guardada a chegada à comunidade aos 13 anos, em um tempo em que o ônibus demorava duas, três horas para chegar. “Agora que está começando a ficar bom, mercado perto, ônibus toda hora, comércio, eles querem vir tirar a gente”, lamenta. Ela lembra as brincadeiras de infância em frente de casa e a volta tranquila, de madrugada, “dos bailes da vida”. “A gente tinha nosso prazer de ficar aqui. Eu por mim, não saía. Eu só saí praticamente porque fui pressionada a sair”, resume Priscila.

No embate entre a pressão da “Cidade Olímpica” e o desejo de permanecer, a vista que Suelly tinha do céu sobre a lagoa eram nuvens embaçadas. Hoje o horizonte na Vila Autódromo toma outras cores de luta – que nunca acaba. Em julho de 2016, ela habitava um contêiner provisório, esperando que ficasse pronta a casa prometida na

“I can’t imagine myself moving away from here. Can you believe that?”, Suelly confessed in May 2015, as if it were some kind of a prophecy. The cash amount the City offered was not enough to buy a decent house for her family. “This is a calm, quiet place. There are no other decent places like this one here. I’ve already been all over Curicica, Preguiça and there are no decent, calm places”, Suelly described as she mentioned neighbourhoods close to Vila, where she had looked for a new home, in vain.

Some of the most expensive land in Rio is in the Barra da Tijuca region and real-estate speculation is looking to neighbouring areas for its expansion, which has greatly raised the value of the buildings. A large part of Vila Autódromo’s terrain has been covered by asphalt in order to build an entrance for vehicles and a parking lot for the Olympic park. “I think that this is an area close to Barra, an area of high value. So, after the Olympics are over, I’m sure that this will all be full of buildings. This is the hen with golden eggs”, Suelly argued.

Suelly is from the state of Minas Gerais, a place where people like a big house, she explains. “Can you imagine all these children in an apartment? I’d go crazy. They’re always up to something. None of them are easy to handle”, she says amused in the middle of the interview that had to be interrupted to give medicine to one of the children and stop another one from the prank he was about to pull. The

city offered apartments in exchange for houses and many residents left. "A lot of people regret leaving", she reveals. Many people discovered only later that the apartment they were offered in exchange for their house was actually a building financed by the Caixa Econômica public bank. If the City of Rio does not pay the monthly payments, it is the person that signed the papers that is left with the debt. Suely had never considered moving to an apartment because of her grandchildren and decided to stand her ground.

Her daughter Priscila also predicted in May 2015 that the community would resist. "I don't know why. But I feel in my heart that it will stay. Something inside of me says that it is here to stay. No one told me anything. I'm the one who's saying it", she guaranteed. Now a mother of three, Priscila has kept the memory of their arrival in the community when she was 13. Back then, the bus would take two or three hours to arrive. "Now that things are starting to get good here - a supermarket close by, buses going by all the time, stores - they want to come and make us leave", she complained. She remembers the childhood games played in front of her house and coming home late at night with no worries. "We enjoyed staying here. If it was up to me, I wouldn't leave. I only left practically because I was pressured to leave", Priscila summed up.

In the clash between the pressure of the "Olympic city" and the desire to stay, Suely's view of the sky over the lagoon was blurred by the clouds. Today, in Vila Autódromo's horizon, there are other colours of the struggle that never ends. In July 2016, she was living in a temporary container while she waited for the house promised in the urbanisation plan to be ready. But she will only believe in a final victory when she moves to a definitive home. "The mayor has always wanted this land. And he is the power. So I imagined that I was going to have to leave. He managed to get the most part, but not all of it".

urbanização. Mas ela só acredita na vitória final quando se mudar para o teto definitivo. "O prefeito sempre teve vontade de ter essas terras. E ele é o poder. Então eu imaginava que eu ia ter que sair. Ele conseguiu a maior parte, mas não tudo".

Indianara Siqueira e a militância rebelde de quem não se enquadra

Texto: Iara Moura • InstitutoPACS

Fotos: Anette Alencar

A militante trans Indianara Siqueira sonha com uma cidade que abrigue "todes"





A "cidade-floresta" de Indianara é um amor dolorido que vira às costas para aquelas que circulam, transitam, trabalham e/ou vivem nas ruas



Após algumas semanas de desencontros, conseguimos uma vaga na agenda de Indiana Siqueira. Falei que a conversa duraria em torno de uma hora, mas esse tempo mais que dobrou, na medida em que a entrevistada foi ela mesma, conduzindo a entrevista. Não é, afinal, mulher de ser conduzida na dança da vida. O tempo cada vez mais disputado não é algo que lhe tire a capacidade de parar para ouvir e ser ouvida, ter uma boa conversa e se entregar ao exercício de se revelar.

A rebeldia de Indianara se denuncia até na relação com a agenda. Os convites para palestras, mesas, debates, entrevistas se multiplicam a cada dia, desde que a ativista trans “saiu do anonimato”, mas ela gosta mesmo é da rua. No dia marcado, chegamos à Casa Nem e nos abancamos num sofá entre algumas moradoras e estudantes do “Prepara Nem”. Entre o burburinho das conversas, alguém caçou: “ih, vocês estão esperando a Indianara? Certeza ela vinha andando da Central e passou na manifestação. Ela não pode ver uma manifestação”, revelou entre risos. Quase uma hora depois da marcada, Indianara chegou. Sem atropelos, sem afobamentos, embora tivesse um outro compromisso logo mais em Niterói. Senhora do seu tempo.

Nascida em Paranaguá, cidade portuária do estado do Paraná, em 1971, Indianara conta que o que a trouxe ao Rio foi a paixão pela “cidade-floresta”. Uma paixão avassaladora que ao longo dos tempos fincou pé num amor dolorido, complexo, cheio de idas e vindas, como, afinal, são todos os amores. Apaixonou-se pela liberdade do anonimato da Avenida Beira-mar, das ruelas da Glória, das esquinas da zona sul e dos hotéis e pensões do centro. Os cinemas da cidade exibiam o sucesso “Lambada, a dança proibida” quando a jovem, filha de uma família de 14 irmãos e irmãs, pisou na areia de Copacabana pela primeira vez em 1990. Em seu íntimo, já havia decidido onde iria aportar, embora tivesse ainda alguns caminhos a percorrer.

Em Santos (SP), primeiro porto a atracar ao sair da casa dos pais aos 18 anos, Indianara fez a transição completa. Já roubava as pílulas da

Indianara and the rebellious activism of those outside the box

After a few weeks of trying to meet, we managed to get a time on Indiana Siqueira's agenda. I told her that the conversation would last about an hour, but this more than doubled as the interviewee was increasingly at ease to be herself and guided the interview. She is not, after all, a woman looking to be led in the dance of life. The growing competition for her time does not prevent her from stopping to listen and to be listened to, have a good conversation and to engage fully in the exercise of revealing oneself.

Indianara's rebelliousness can be seen in relation to her agenda as well. The number of invitations to give speeches and participate in roundtables, debates and interviews has been multiplying every day ever since the trans activist “came out of the closet”. But what she really likes is the street. On the day of our rendezvous, we arrived at Casa Nem and we sat down on a couch between residents and students of “Prepara, Nem!”. Among the buzz of conversations, someone joked, “oh, are you waiting for Indianara? She was probably walking here from the Central and went by a protest. She can't see a protest [without getting involved]”, the person laughed. Nearly one hour later, Indianara arrived in no hurry and without a fuss, even though she had another commitment right after in Niterói. The boss over her own time.

mãe para criar peito desde os 12, mas foi em Santos, teto de céu, chão de asfalto, que se tornou quem é hoje. Naqueles idos, entre 1992 e 1996, além da polícia, do frio, da fome, o algoz mais temido não tinha

rostro, não tinha gênero, nem hora pra chegar. Levou-lhe algumas amigas próximas. Deixou buracos nas esquinas e no peito.

Nesse tempo, foi chamada para uma reunião com um grupo que trabalhava com a prevenção de HIV/AIDS junto às travestis e transexuais e resolveu encarar de frente, olho no olho, como afinal sempre fez, o algoz de tantas vidas. No ativismo, nasceu pela segunda vez. Fundou junto com outras companheiras de vida o grupo Filadélfia, em outubro de 1995. Na 1ª conferência municipal de saúde já chegaram fazendo barulho. Exigiam ser chamadas pelo nome social. A repercussão foi enorme.

“Um dia eu acordo na minha porta e parecia que eu tinha convocado uma coletiva de imprensa. Eu era apenas uma garota que caminhava na cidade de Santos e passei a ser ‘olha lá a bicha que exigiu o nome social’, ‘é a presidenta do Filadélfia’, então eu fui muito exposta, recebi ameaças, fui algemada por um policial num poste, recebi revólver na cabeça. O nome social não foi dado de graça pra nós no Brasil”, lembra.

Depois disso, foram muitas idas e vindas pelo País e pelo estrangeiro. Chegou a ser vítima de uma rede de exploração sexual no exterior. No retorno, voltou com a ideia fixa de montar um cursinho de idiomas para a população trans ficar menos vulnerável à exploração dessas redes. De volta ao Brasil, novamente escolheu o Rio de Janeiro. O Rio dos teatros, cabarés,

ruelas, botequins e cinemões por onde circulavam suas iguais em corpo e espírito; a um só tempo, acolhimento e repulsa, liberdade e ódio, casa e rua.

Ao longo de 20 anos vivendo na cidade, Indianara testemunhou muitas mudanças. Enquanto a paisagem se transmutava, a ativista

Born in 1971 in Paranaguá, a port city in the state of Paraná, Indianara told us that what brought her to Rio was her passion for the “city-forest”. Over time, this overwhelming passion settled into a painful, complex love affair, full of ups and downs, as all love stories have in the end. She fell in love with the freedom of being anonymous on the Beira-mar Avenue, the alleys of the Glória neighbourhood, the street corners in the south end and the hotels and hostels in the centre of the city. “Lambada, a dança proibida” (Lambada, the forbidden dance), which was a success, was playing in theatres in Rio when this young girl from a family of 14 brothers and sisters stepped on the sand in Copacabana for the first time in 1990. Inside, she had already made a decision about where to cast her anchor, even though she still had roads to travel.

In Santos (SP), the first port she docked in when she left her parent’s house at the age of 18, Indianara went through a complete transition. She had already been stealing her mother’s pills to grow breasts since she was 12, but it was in Santos - with the sky as her roof and pavement on the ground - that she became who she is today. Back then, between 1992 and 1996, in addition to the police, cold and hunger, the most feared executioner did not have a face, a gender, nor a specific time to arrive. He took some of her close friends and left holes on street corners and in her heart.

During this period, she was invited to a meeting of a group that worked on HIV/AIDS prevention with transvestites and transsexuals. She decided to face the executioner who had taken so many lives head on, eye-to-eye, which was the way she had always done things. Indianara was born again as an activist. With other life-long

comprou muitas, incontáveis brigas. Esgarçando os limites inclusive dos próprios movimentos, indo de encontro às rotinas e amarras que excluem, rotulam, engessam, foi se transformando. “Eu vou pro embate, denuncio a exploração, denuncio a violência e, óbvio, quando você denuncia, você acaba se tornando inimiga e é você quem vai sofrer as consequências disso”, conta, lembrando das vezes em que teve que mudar de endereço ou se retirar temporariamente das arenas de luta para se proteger, para se reinventar. Num desses momentos de reclusão, há 13 anos, adotou dois cachorros e tornou-se vegana.

Nos últimos dez anos, com o ciclo de megaeventos – Pan-Americano, Copa das Confederações, Copa do Mundo e agora Olimpíadas – a paisagem e a vida no Rio se transformaram velozmente. Para aquelas que circulam, transitam, trabalham e/ou vivem nas ruas, a cidade virou as costas. Indianara faz questão de destacar que para a população trans e para as prostitutas, as violências, abusos, negações, não são exatamente uma novidade. “Antes de qualquer remoção que tenha havido no Rio de Janeiro, sempre houve a limpeza e a remoção desta população (...) O que mais me preocupa é que a polícia está sendo treinada contra todes [refere-se a todas e todos]. Mas se ela está sendo treinada contra todes, ela já faz um treinamento há décadas contra travestis, transexuais, contra prostitutas”, analisa.

A rua é de todes

Hoje, a opção de retirar-se da cena pública parece cada vez mais remota. Idealizadora e fundadora do Prepara Nem – cursinho pré-vestibular pra pessoas trans – e da Casa Nem – casa abrigo-passagem para o mesmo público – pré-candidata a vereadora, coordenadora do grupo TransRevolução, Indianara é presença constante nas diversas frentes de luta da cidade. Das ocupações de escolas à luta contra a violência policial, das manifestações em defesa do direito à cultura e à comunicação, às greves de servidores/as públicos. Ela, “puta e travesti”, aprendeu com a militância que a rua, além

friends, she founded the group Filadélfia in October 1995. They made a lot of noise at the 1st municipal health conference, where they demanded to be called by their social names. The repercussions were enormous.

“One day, I woke up and it appeared as though I had called a press conference at my door. I went from being only a girl walking around in the city of Santos to ‘look at the queer who demanded his social name’ and ‘she’s the president of Filadélfia’ So, I had a lot of exposure. I received threats, was handcuffed by a police officer to a post, had a gun pointed at my head. Our social names didn’t come for free in Brazil”, she recalled.

After that, there was a lot of back-and-forths in and outside the country. She ended up falling victim to a network of sexual exploitation abroad. She returned with the idea of setting up language classes so that the trans population would be less vulnerable to being exploited by these networks. Back in Brazil, she chose Rio de Janeiro again: Rio and its cinemas, cabarets, alleys, bars and porn theatres where those like her in body and spirit would go. There she found receptivity and repulsion, freedom and hate, home and the street all at the same time.

In her 20 years in Rio de Janeiro, Indianara has witnessed many changes. While the scenery was being transformed, this activist took on countless fights. Fraying the edges of the movements themselves

de lugar de circulação, é território de resistência.

A rotina de pouco descanso não lhe dá menos sentido e fogo aos dias. E ela explica o motivo: “Porque não se trata mais de

and going against the routines and ties that exclude, label and stiffen, Rita changed.

“I go for confrontation, denounce exploitation and violence and obviously, when you denounce things, you end up becoming the enemy. Then, you’re the one to suffer the consequences”, she told us. She remembered the times when she had to change her address or withdraw temporarily from the fighting arena to protect and reinvent herself. During one of these periods of withdrawal, 13 years ago, she adopted two dogs and became vegan.

In the past 10 years, the cycle of mega events - the Pan American Games, the Confederations Cup, the World Cup and now the Olympics - changed the scenery and life in Rio rapidly. The city turned its back to those who walk, transit, work and/or live on the streets. Indianara makes a point of highlighting that for the trans population and prostitutes, the violence, abuses and negations are not exactly new. “Before any evictions were happening in Rio de Janeiro, this population was constantly being cleansed and evicted (...). What worried me the most is that the police is being trained to turn against everyone. But while it is now being trained to turn against everyone, it has already been practicing for decades on transvestites, transsexuals and prostitutes”, she remarked.

The streets are for everyone

Nowadays, the possibility of her withdrawing from the public scene seems increasingly remote. Founder of Prepara, Nem! (preparatory course for the entrance exam for trans people) and of Casa Nem (shelter-halfway house for the same group of people), candidate for city council and coordinator of the TransRevolução group, Indianara is constantly active on various fronts in the city. They go from the occupations of the schools to the fight against

você, se trata de outras pessoas. Eu sempre falo que é um trabalho de tentar, ao menos, tirar as pedras dos caminhos para que as pessoas não tropecem mais, para que elas possam seguir em frente”, define a sua vida-militância.

Em 2014, há menos de três meses da Copa do Mundo, centenas de prostitutas, entre mulheres trans e cis, foram despejadas do prédio conhecido como ‘prédio da caixa’, em Niterói, onde trabalhavam e moravam. O despejo foi marcado por extrema violência e arbitrariedade. As mulheres foram agredidas, sofreram violência física, psíquica, moral e patrimonial. Esse é um dos episódios que Indianara lembra com indignação, sem contar os que não vão parar nos jornais. “É todo dia, é em toda esquina. Semana passada eu fui cercada por um grupo de travestis pra não ser espancada por uns ditos seguranças na (Avenida) Prado Júnior”, conta.

Em um misto de lamento e alívio, ela se diz preparada para as Olimpíadas. O medo, afinal, não a faz paralisar desde que lançou ao mar sua âncora: “os megaeventos vão deixar uma herança que não é de coisa boa pra população, mas de trauma, de muito sofrimento, muito sangue derramado. Os cofres públicos não jorraram só dinheiro público, as

propinas pagas às grandes empreiteiras, mas também o sangue da população pobre, preta, da favela que pagou a conta”, dispara.

Ainda assim, reconhece, na previsão dos tempos difíceis que vivemos, a possibilidade de se reinventarem outras realidades. O

pulsar da Casa Nem denuncia a esperança. Contrariando a dureza de uma noite de inverno, cheirava a café e eucalipto, de uma faxina coletiva recém-finalizada, e ressoava em burburinhos como são as casas cheias de humanidade. O sonho de uma casa-abrigo, lugar de acolhida, sem regras de horário ou outras imposições que complicam a estada das pessoas “que não se enquadram” é testemunha da utopia de um presente-futuro que Indianara nutre e defende para o Rio de Janeiro. De que a cidade, assim como ela, seja casa-abrigo-morada-e-vida de todas e todos e todes.

police violence; from the protests in defence of the right to culture and communications to the strikes of civil servants. As a “prostitute and transvestite”, she learned through her activism that the street is not just a place to circulate, but also a territory for resistance.

The routine offering little rest does not give less meaning or fire to her days. She explains the reason for this. “It’s because it is no longer about you. It’s about other people. I always say that the work is to at least try to remove stones from the road so people don’t trip and fall anymore, so they can go on ahead,” she says as she describes her life of activism.

In 2014, less three months before the World Cup, hundreds of prostitutes, including trans and cis women, were evicted from the building known as the ‘building of the Caixa’ in Niterói, where they worked and lived. The eviction was marked by extreme violence and arbitrariness. The women were assaulted and suffered physical, psychological, moral and patrimonial violence. This is one of the episodes that Indianara remembers with indignation, not to mention the ones that do not end up on the news. “It happens every day, on every corner. Last week, I was surrounded by a group of transvestites for not being beaten by one of the so-called security guards on [Avenida] Prado Júnior”, she explained.

In a mixture of sorrow and relief, she

says she is prepared for the Olympics. After all, fear no longer leaves her paralysed since she cast her anchor in the ocean.

“The mega events will leave a legacy for the population - not of good things, but rather trauma and a lot of suffering and spilled blood. It’s not just public funds that are pouring out of public coffers. It’s also the kickbacks for the large construction companies and the blood of the poor, black population from the favela that is footing the bill”, she argued.

Even in the difficult times we are living, she recognises that it is possible to invent new realities. The pulse of Casa Nem gives a sign of hope. In contrast to the harshness of a winter night, Casa Nem smells of coffee and eucalyptus from the collective cleaning effort that has just ended and resonates with the buzz that one normally finds in houses full of humanity. The dream of a shelter, a welcoming place, with no rules on schedules and other impositions that complicate the stay of people “who do not fit in the box” is part of the utopian present-future that Indianara defends for Rio de Janeiro. Her dream is that of a city, like Rio, being a home-shelter-abode-and-life for everyone.

